

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes

Jéssica de Sousa Moreira

**PERCURSO FORMATIVO COM OS CADERNOS DE SI:
memórias de uma professora artista e o diálogo com seus alunos**

Belo Horizonte
2020

Jéssica de Sousa Moreira

**PERCURSO FORMATIVO COM OS CADERNOS DE SI:
memórias de uma professora artista e o diálogo com seus alunos**

Dissertação em formato de artigo científico apresentada ao Curso de Mestrado Profissional da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes

Orientadora: Profa. Dra Rosvita Kolb

Bernardes

Belo Horizonte

2020

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

Moreira, Jéssica de Sousa, 1991-

Percurso formativo com os cadernos de si [manuscrito] : memórias de uma professora artista e o diálogo com seus alunos / Jéssica de Sousa Moreira. – 2020.

59 p. : il.

Orientadora: Rosvita Kolb Bernardes.
Dissertação em formato de artigo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

1. Arte – Estudo e ensino – Teses. 2. Arte e educação – Teses. 3. Criação (Literária, artística, etc.) – Teses. 4. Memória na arte – Teses. I. Kolb, Rosvita II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD 707

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Mestrado Profissional em Artes

Folha de Aprovação - Assinatura da Banca Examinadora Trabalho Final da aluna
JESSICA DE SOUSA MOREIRA número de Registro - **2018725909**.

Título: **“PERCURSO FORMATIVO COM OS CADERNOS DE SI: Memórias de uma professora artista e o diálogo com seus alunos”**

Rosvita Kolb Bernardes

Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes – Titular – EBA/UFMG

Cláudia Starling Bosco

Profa. Dra. Cláudia Starling Bosco – Titular – FAE/UFMG

Lucia Gouvêa Pimentel

Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel – Titular – EBA/UFMG

Belo Horizonte, 26 de novembro de 2020.

Dedico este trabalho ao meu pai Manoel (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço minha mãe Sônia, pelo incentivo e afeto incondicionais.

Agradeço meu filho Davi, pela inspiração diária e motivação afetuosa.

Agradeço meu círculo de amigos, familiares e rede de apoio: Tleysse, Junior, Ariane, Stella, João, Thiago, Rosa, Erivaldo, Ana Clara, Clarinha, Virgínia e Edu, pela dedicação de tempo, pelos cuidados comigo e com Davi, pela escuta, por acolherem, cada um a seu modo, as questões e demandas que surgiram no trajeto.

Agradeço meus alunos da Escola Sandoval Soares de Azevedo, que me motivaram a escolher este tema e que se tornaram parte intrínseca deste trabalho.

Agradeço os colegas da minha turma do Mestrado Profissional em Artes, em especial Hednamar e Wester, pelas afinidades e afetos.

Agradeço os professores e colegas do grupo de pesquisa LapenSi, pelas provocações, estudos e trocas, em especial à Profa Dra Cláudia Starling Bosco, pela participação na banca de defesa, pelas dicas e observações.

Agradeço à Profa Dra Lúcia Gouvêa Pimentel que compôs a banca de qualificação e a banca defesa, e às professoras Ana Cristina Carvalho Pereira e Juliana Mendonça Palhares, que também compuseram a banca de qualificação pela imensa contribuição para o desenvolvimento deste trabalho.

Finalmente, agradeço minha orientadora Rosvita Kolb Bernardes, por me mostrar a força e potência das narrativas, pelo seu cuidado detalhado, apontamentos e sua imensa gentileza.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Constelação 1, Cadernos	14
IMAGEM 2 – Constelação 5, Eu artista	15
IMAGEM 3 – Caderno de capa rosa	19
IMAGEM 4 – Desenho das árvores do entorno escolar	19
IMAGEM 5 – Desenhos do caderno de capa rosa.....	20
IMAGEM 6 – Desenho de observação – árvore entre os corredores	21
IMAGEM 7 – Haicai e desenho do caderno de capa rosa	22
IMAGEM 8 – Haicais em duas fases.....	23
IMAGEM 9 – Bordado, desenho e relato “Chave”	24
IMAGEM 10 – Bordado, desenho e relato “Caneca”	25
IMAGEM 11 – Anotações e mandala.....	26
IMAGEM 12 – Desenhos de observação e anotações.....	27
IMAGEM 13 – Desenhos de observação I.....	27
IMAGEM 14 – Desenhos de observação II	28
IMAGEM 15 – Escalas de tons usando linhas	29
IMAGEM 16 – Desenho de observação do pátio/prédio escolar	29
IMAGEM 17 – Exsicata de flor de ipê amarelo e anotações	30
IMAGEM 18 – Registros.....	31
IMAGEM 19 – Sequência objeto oculto.....	31
IMAGEM 20 – Estudos para autorretrato	34
IMAGEM 21 – Capturas de tela de postagem de aluna em rede social	34
IMAGEM 22 – Capturas de tela de postagem de alunos em rede social.....	35
IMAGEM 23 – Desenho de aluna e flor amarela.....	35
IMAGEM 24 – Duas ilustrações do jardim suspenso.....	36
IMAGEM 25 – Folha de rosto do caderno da aluna A.....	37
IMAGEM 26 – Diário de bordo da aluna A.....	38
IMAGEM 27 – Estudos para autorretrato a partir de escrita automática de aluna B	39
IMAGEM 28 – Outras páginas do caderno de processos da aluna B.....	40
IMAGEM 29 – Primeiras páginas do caderno da aluna C.....	41
IMAGEM 30 – Páginas do caderno da aluna C	41
IMAGEM 31 – Frases bordadas por alunas	42
IMAGEM 32 – Bordado de aluno	42

SUMÁRIO

ARTIGO PERCURSO FORMATIVO COM OS CADERNOS DE SI: memórias de uma professora artista e o diálogo com seus alunos	07
REFERÊNCIAS	45
OS CADERNOS E SUAS POSSIBILIDADES [Proposta pedagógica].....	47

**PERCURSO FORMATIVO COM OS CADERNOS DE SI:
memórias de uma professora artista e o diálogo com seus alunos**

**FORMATIVE WAY WITH SELF NOTEBOOKS:
Memories of an artist teacher and dialogue with her students**

RESUMO

Neste artigo, destaca-se a importância do uso do caderno como expressão plástica, o qual permite o registro do cotidiano, o processo da criação e da busca de conhecimento artístico. O objetivo é evidenciar o caminho formativo e autobiográfico feito a partir dos registros artísticos, da pesquisadora e de seus alunos, no ato de narrar e recordar. Para dar visibilidade ao caminho percorrido, foram utilizados aportes da arte, da pesquisa autobiográfica e da educação, como Paulo Freire (1989), Madalena Freire (1996), Ostetto (2008), Mestriner (2014), Silveira (2001), Delory-Momberger (2008) e Salles (2011), entre outros autores pertinentes ao assunto. Ademais, o presente artigo apresenta uma investigação sobre os próprios cadernos da autora, a recordação do encontro com os cadernos e registros de seus alunos, como também as possibilidades de uso do caderno que dialogam, diretamente, com os processos de experimentação e de criação da experiência vivida como professora e artista. Desse modo, a proposta pedagógica da confecção de cadernos de si nasce em diálogo com o percurso de experiências em sala de aula no Ensino Médio, de uma escola pública da Educação Básica, com a técnica de encadernação manual, elaborada e confeccionada em comunhão com os estudantes.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Caderno de processos. Registros. Processo de criação artística. Encadernação manual.

ABSTRACT

In this study, the importance of using the sketchbook as a plastic expression, recording daily life and the process of creating and searching for artistic knowledge is highlighted. The objective is to highlight the formative and autobiographical path taken from the artistic records of the researcher and her students, in the act of narrating and remembering. To give visibility to the path taken, contributions from art education and autobiographical research were used, such as Freire (1989), Freire (1996), Ostetto (2008), Mestriner (2014), Silveira (2001), Delory-Momberger (2008), Salles (2011), among others. An investigation is presented about the author's own sketchbooks, the recollection of the encounter with her students' sketchbooks and records and possibilities of using them that dialogue directly with the processes of experimentation and creation of the experience lived as a teacher and artist. In this way, a pedagogical proposal for the making of notebooks is born in dialogue with the course of experience in the classroom in High School, from a public school of Basic Education with a manual of binding technique, elaborated and made in communion with the students.

Keywords: Art teaching. Sketchbook. Records. Process of artistic creation. Binding manual.

INTRODUÇÃO

O caderno em branco. Ele se abre, há cantos que se marcam, folhas que se arrancam. A capa se reconstrói, se refaz. Realinha as páginas, passa a limpo. Refila-se. Páginas que se permitem ser escritas ou riscadas. Vira um objeto, uma caixa, um baú, um relicário, um livro: processos que se evidenciam, histórias que nascem (ou que saltam), a narrativa da memória viva.

A inquietação que motivou este trabalho surgiu no exercício de preencher cadernos de desenhos, de escritas e de outros registros visuais. Abrir e fechar esses cadernos constantemente, acessar, ver, guardar novamente. O que diziam eles? Para que serviam e aonde chegariam? Ao problematizar essas questões, a percepção da influência desses cadernos na sala de aula e no meu modo de se dar aulas ia crescendo. Desse modo, surge a proposição para a escrita deste trabalho.

Ao olhar novamente os registros artísticos produzidos ao longo da minha trajetória e rememorar processos artísticos vividos, na ação de narrar essas memórias, demonstro o potencial formativo do trabalho autobiográfico. Com este objetivo, coloco meus cadernos e processos em evidência, junto a processos compartilhados com alunos. O texto se desenrola assim: os cadernos da professora artista em diálogo com os seus alunos. É uma conversa sobre registros, rastros dos processos de criação e de construção do conhecimento em/sobre Arte. Busco estabelecer o diálogo entre a prática artístico/docente com algumas produções e vivências com alguns alunos e alunas, afirmando a força do “fazer junto”.

As imagens que surgem e que saltam são arquivos guardados, gavetas virtuais em que vou colecionando as memórias de situações vividas na trajetória artística/docente. Percebi que com o hábito de fotografar usando o próprio celular, em sala de aula e nos arredores, criei um acervo, meu portfólio didático/docente de ações, criações e vivências. São arquivos pessoais, registrados com o consentimento dos alunos em cocriação comigo, sendo recortes das atividades e proposições partilhadas na experiência escolar. Os arquivos foram acessados ao longo do trajeto e não registros feitos propriamente para a construção do trabalho.

Dentro da área de concentração de Ensino de Artes e da linha de pesquisa *Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes*, a pesquisa visa relacionar uma investigação autobiográfica e os processos de criação artística de uma professora artista com o processo de ensino-aprendizagem da qual seus alunos vivenciam em suas aulas. As bases para essa escrita se deram a partir do acesso ao campo de narrativas autobiográficas, do estudo dos tipos e dos métodos de registro e dos processos de criação artística.

O artigo configura-se do seguinte modo: a primeira parte “Cadernos de si” com o referencial teórico e o entrelace das referências utilizadas. O termo “cadernos de si” foi cunhado a partir da junção do termo “cadernos de processos”, que representam todos os tipos de cadernos que consolidam registros de processos de criação, com o termo “narrativas de si”, uma das bases da pesquisa que propõe a narrativa e a investigação de si mesmo, como será discutido ao longo deste estudo.

Na sequência, “Meus cadernos, minha obra”, mostro os processos de criação e potencial dos registros a partir dos meus cadernos. Em “Páginas em comum” se inicia a relação entre os trabalhos da professora com seus alunos, mostrando como há a identificação e a correlação entre suas produções. Demonstra-se a maneira afetiva como esses registros se encontram e se desdobram no processo de ensino-aprendizagem, comprovando o potencial expressivo e provocativo que surge em sala de aula entre os envolvidos.

Finalmente, na elaboração da proposta pedagógica “Os cadernos e suas possibilidades” relata-se o interesse para a construção das novas experiências, assim surge um convite ao experimento de confecção de cadernos. Consequentemente, professores e estudantes dão novos significados aos seus próprios registros, desse modo, ampliando o olhar para seu próprio saber e processo criativo.

Quanto à proposta pedagógica do presente trabalho, surge a partir da execução e experimentação das práticas feitas em sala de aula. Deste modo, propiciou aos estudantes da Escola Sandoval Soares de Azevedo, em Ibirité, no Estado de Minas Gerais (MG), vivências expressivas, formativas e artísticas com o caderno de processos nas turmas de 2º ano do Ensino Médio, desde o processo de encadernação manual até o uso propriamente dito do caderno. Certamente, a perspectiva de apropriação desse instrumento educacional está intrínseca ao processo criativo, sendo assim, alvo da proposta pedagógica a qual se insere.

CADERNOS DE SI

Os processos criativos desenvolvidos ao longo do meu trajeto como professora artista estão atrelados ao uso e manuseio de páginas. Encanta-me os cadernos, os livros, as texturas e as cores dos papéis e dos tecidos; a caligrafia, as linhas, as escritas e bordadas; as histórias, os caminhos e as memórias. Particularmente o papel sempre teve uma forte presença e destaque em meus projetos de formação. A sua importância é inegável. Mestriner (2014) descreve que “uma humilde folha de papel pode receber um tesouro valioso na forma de poesia, teatro, filosofia, desenhos, ciência, literatura e um número infinito de ideias que os homens sabem

criar” (MESTRINER, 2014, p. 72). Desta forma, a partir do meu encantamento pelos papéis e cadernos, em suas mais diversas funções e formas de configuração, dou início a este artigo.

Freire (1989) contribui nas inquietações iniciais deste trabalho quando explica que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. Nesse sentido, leitura está ligada ao ato de perceber o mundo que nos cerca. Ler é isso, decodificar informações do mundo, bem como interpretar seus códigos e desenvolver uma visão crítica sobre ele. O artista imerso em seu processo de criação, assim o faz: lê o mundo e expõe sua visão nos registros que faz.

Essa exposição de ideias é aparente naquilo ser humano desenha, anota, esboça ou rabisca. Isto faz parte do processo de busca e de construção do conhecimento, da criação de uma obra. Logo, o resultado desse exercício está presente em todas as áreas de conhecimento de modos distintos. Conforme Mestriner (2014):

[...] anotações e registros servem de mapa e roteiro para escritores, pesquisadores, cientistas e para as pessoas comuns que um dia escreveram um diário para relembrar os acontecimentos de suas vidas. Muitos vultos históricos que hoje conhecemos só vieram fazer parte dela porque escreveram e deixaram anotações que acabaram publicadas (MESTRINER, 2014, p. 23).

Na área da Educação, ressalta-se que “mediados pelo registro deixamos nossa marca no mundo” (FREIRE, 1996, p. 41). Para a autora e sua contemporânea Warschauer (1993) é fundamental o exercício de observar, anotar e refletir. Ambas alertam em suas obras, que esse registro se dá nas linguagens verbais ou não-verbais e que possibilitam uma apropriação da nossa própria história.

Ostetto (2008) também discorre sobre a importância do olhar sensível, da percepção, do cuidado com a reflexão e o registro desencadeados nas experiências educacionais. Para a autora, “ao escrevermos nossa experiência, nosso fazer ganha visibilidade, torna-se documento ao qual podemos retornar para rever o vivido, atribuindo-lhe outros significados e projetando outros fazeres desejados ou necessários” (OSTETTO, 2008, p. 13).

Já na obra de Silveira (2001), me aventurei na perspectiva dos registros enquanto objetos artísticos, o livro de artista.

Cadernos pressupõem registros [...], o formato de caderno é o preferido em obras que envolvem temas temporais, especialmente se afetivos e líricos. Será prático também, se o artista necessitar anexar papéis de diferentes tipos ou gramaturas, além de páginas de outros materiais (pano, plástico, lixa, borracha, madeira). A leitura de um texto tem seu tempo determinado pela habilidade de decodificação do leitor, assim como o exame de uma página em branco depende da atenção e do interesse provocados pelas relações internas do livro (SILVEIRA, 2001, p. 112).

É possível analisar que esses autores valorizam, comprovam a importância do registro e estreitam a relação do caderno de artista com o livro de artista, como também compreendem a legitimidade desse processo no campo das artes. Esse reconhecimento foi fundamental para me encorajar a trazer meu próprio trabalho, os cadernos de si, para o projeto de mestrado. Antes de estruturar o projeto de pesquisa para o mestrado, eu construía meus próprios cadernos timidamente, mas esse encorajamento, a convicção da força e do potencial criativo e educativo que havia neles foi se materializando na medida em que as referências teóricas surgiam.

Torna-se importante ressaltar que foi durante a disciplina nomeada “Narrativas de si”, no Mestrado Profissional em Artes, que encontrei a possibilidade de abarcar, tornar visível e traçar um percurso estético com os meus cadernos, tema deste artigo. Nessa disciplina, fui convocada a debruçar-me durante um semestre sobre o meu processo vivido, trazendo a arte e a docência para as minhas reflexões. Foi no exercício de narrar-me que tive a oportunidade de compreender quais seriam ou poderiam ser experiências essenciais do passado, que revivem e elevam a minha chama profissional para o tempo atual. A partir daí, fui percebendo que acessar a memória é também encontrar-se com a sua própria voz e narrativa. Esse movimento mobilizou-me profundamente quando experimentei o potencial criativo e, também, formativo que se encontravam nas minhas memórias ao revisitar a minha história vivida nos cadernos de processos.

De acordo com Benjamin (1987), em sua análise da história, vislumbra-se de um passado vivo, passível de ser refeito e onde o sujeito tem um papel fundamental que lhe permite, a partir do passado, interligá-lo com o presente. Nessa mesma linha de pensamento, Delory-Momberger (2006) contribui com a compreensão da potência da narrativa do sujeito sobre sua própria história. Mesmo sendo ávida pelo interesse nos cadernos, nos registros e no desenho – da palavra e para além da palavra – somente com esse embasamento das narrativas de si pude tomar consciência e segurança para seguir com a pesquisa.

É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida [...] a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 363).

O ateliê biográfico, explorado no percurso da disciplina “Narrativas de si”, foi um momento marcante no meu processo de formação. Trata-se de uma proposta de formação por meio das histórias de vida, indo além da utilização dos saberes formais (com diretrizes pré-

estabelecidas), reconhecendo como importantes os saberes da experiência. Nesta perspectiva, a proposta do ateliê biográfico de projeto inspirado em Delory-Momberger (2006) define-se como um processo:

[...] que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga as três dimensões da temporalidade (passado, o presente e futuro) e visa fundar um futuro do sujeito e fazer emergir o seu projeto pessoal. [...] O objetivo do ateliê é precisamente dar corpo a essa dinâmica intencional, reconstruindo uma história projetiva do sujeito e extraindo a partir dela projetos submetidos ao critério de exequibilidade (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.366).

Os ateliês são lugares de experimentação da própria memória, em que se constroem trajetos para definir aspectos importantes, passagens que estavam escondidas, momentos, personagens e ações decisivas para que uma experiência tenha se tornado o que é. Em outras palavras, compreender o que me levou a ser a professora que sou e o que me fez trabalhar com os registros e com os cadernos.

Nesse lugar de experimentação, encontrei o tempo necessário para olhar para minha história, em busca de dizer-me pelas mãos, olhos, desenhos, registros, rabiscos, pelo corpo e coração. Vivi um tempo na ação do lembrar, puxando e alinhavando fios da minha experiência estética (DEWEY, 2010) para validar teoricamente o que tinha vivido até então intuitivamente. Reconstruindo o passado encontrei um espaço para narrar as minhas experiências entre acertos, desacertos, inquietações e dúvidas no caminho de ser professor/a de arte.

No ateliê biográfico vivenciei diversos exercícios. Em um deles, deveria descrever minuciosamente uma sensação, de um cheiro ou sabor, de modo a explorar as palavras e a profundidade dessa sensação. Experimentei a liberdade da escrita, sem limites, pois quanto mais detalhada fosse a descrição, melhor seria o seu resultado. Experimentei a possibilidade de dar vazão às sensações e memórias, sem medo de errar ou de mentir, pois a verdade é reconstruída no próprio exercício de lembrar. Esse exercício de escrita foi para mim desafiador, mas também encorajador. Rapidamente me vi empolgada em contar quantas histórias eu pudesse.

Dentre os exercícios que vivenciei, houve outro que devíamos narrar a relação de um objeto com a nossa pesquisa, um objeto que representasse “onde tudo começou”. Escolhi, assertivamente, o caderno que permeia parte das narrativas que serão aqui compartilhadas. Falar do meu objeto me fez trazer a ideia inicial da pesquisa para um lugar material. Tive a chance de me contextualizar dentro da minha própria proposta. Por outro lado, ver e ouvir sobre os objetos dos demais participantes do ateliê possibilitou o reconhecimento no/do outro,

dando uma sensação de empatia e de segurança.

Finalmente, fui convidada dentro dos ateliês biográficos a abrir os meus cadernos, estabelecer uma ordem cronológica de como e quando foram elaborados, entre desenhos e escritas. Lembrar também de quem me motivou a começar essa coleção de cadernos, como foi feita, dentro de quais contextos e tempos os cadernos apareceram na minha vida. Nesse movimento de (re)olhar para os cadernos me senti como numa viagem no tempo. Na viagem, cada pedaço de memória que surgia, tornava-se uma ideia, uma estrela. Desencadearam as minhas constelações (Imagens 1 e 2)¹, que foi o caminho metodológico que criei para definir as possibilidades da pesquisa e o que eu deveria trazer à tona. Descobri que estava buscando a mim mesma e o que de mim eu levava e tanto guardava naquelas páginas.

Na ação de abrir meus cadernos, percebi minha obra diante de mim: minha história, minhas memórias, lembranças e ideias. Meus pensamentos. Tudo estava ali: acontecimentos vividos, imaginados, poesias, reações e projetos. Meus registros revelam aspectos sensíveis, silêncios, inquietudes e incertezas. São fragmentos da minha história vivida, na tentativa de lapidar a minha trajetória de formação docente/artista. Minhas emoções. Para Salles (2011), esse estar atento e registrar as possibilidades são ações recorrentes no processo criativo:

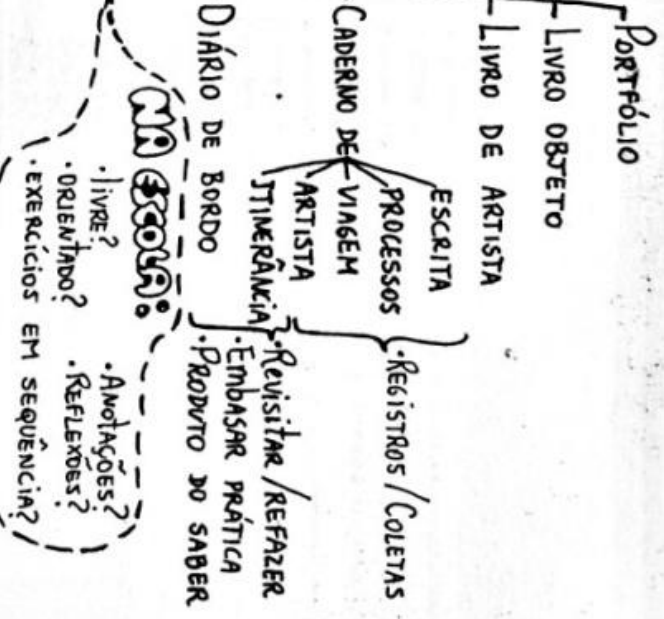
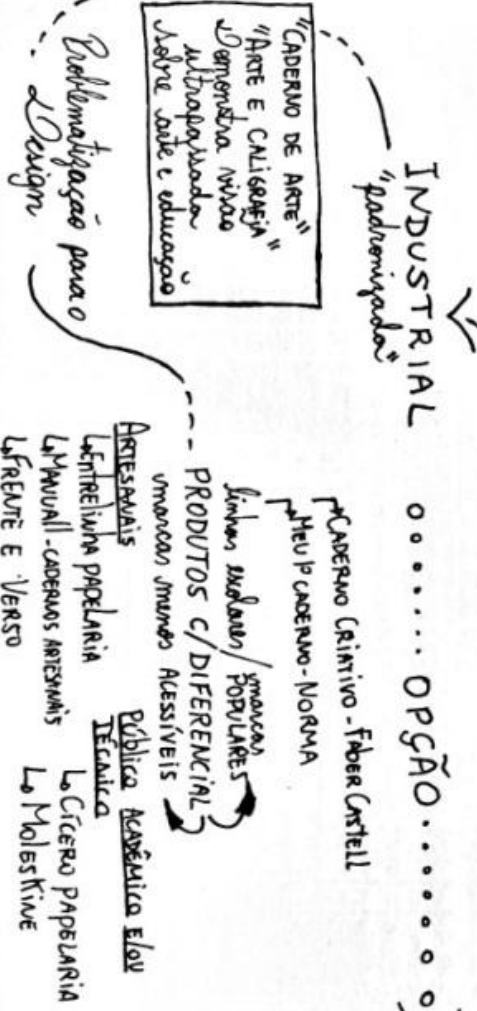
Essas imagens que agem sobre a sensibilidade do artista são provocadas por algum elemento primordial. Uma inscrição no muro, imagens de infância, um grito, conceitos científicos, sonhos, um ritmo, experiência da vida cotidiana: qualquer coisa pode agir como essa gota de luz (SALLES, 2011, p. 61).

¹As constelações são estruturas visuais que carregam lembranças, palavras chaves, memórias, de forma a organizar meus pensamentos e ideias acerca da pesquisa. Foi um processo vivido na disciplina “Narrativas de si” que possibilitou um caminho metodológico e a seleção de temas, assuntos e aspectos a serem abordados na pesquisa. Ao todo foram criadas sete constelações, sendo que foram reproduzidas, recortadas e reconfiguradas de duas formas distintas, tudo para ampliar as possibilidades e compreender os caminhos da minha narrativa.

CONSTELAÇÃO



Maquiagem



MAQUIAGEM

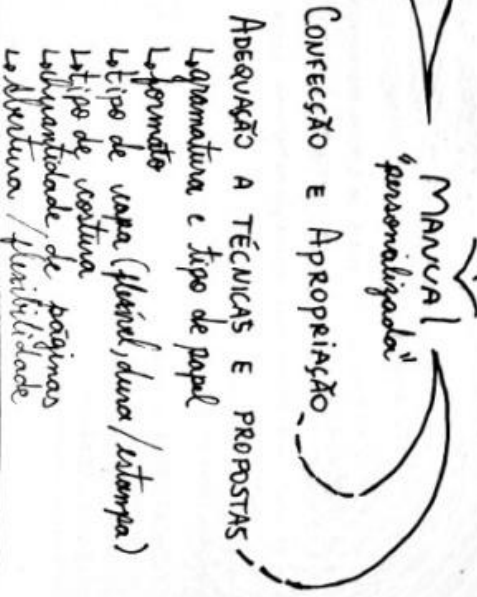


IMAGEM 1 – Constelação 1 “Cadernos”. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

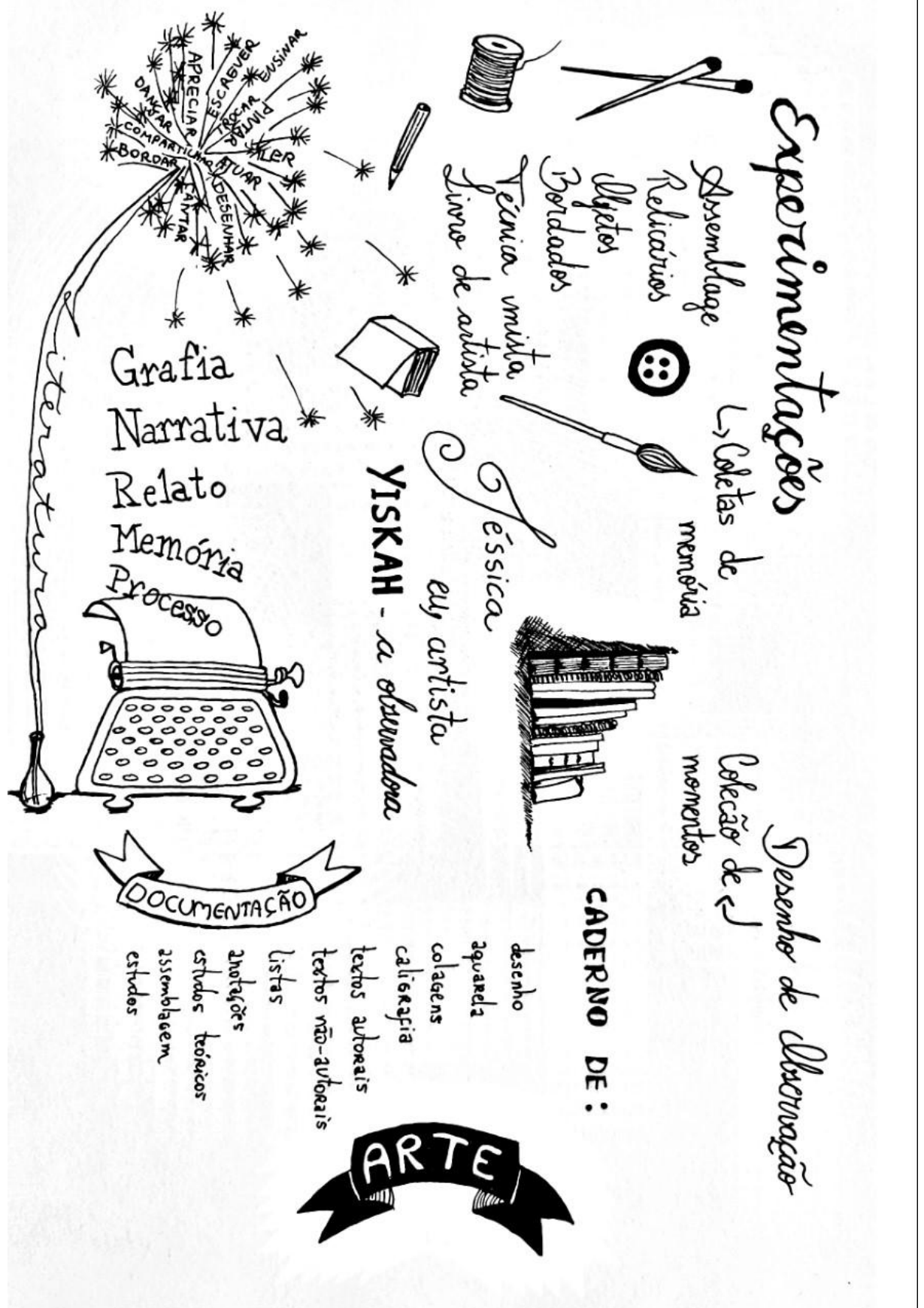


IMAGEM 2 – Constelação 5 “Eu artista”. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Josso (2004), outra pesquisadora do campo da autobiografia, ao propor o trabalho com a história de formação, indica a prática da narrativa como uma oportunidade para o sujeito caminhar para si, para a tomada de consciência dos seus percursos pessoais e profissionais. É nesse caminhar para mim que construí este trabalho. A história de vida narrada mediando o conhecimento de si em sua existencialidade, oferecendo à minha própria reflexão oportunidades de tomada de consciência sobre meus diferentes registros de expressão e de representações do “eu” – artista e professora, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação.

E por fim, nesse emaranhado de referências e de conversas, um diálogo com Salles (2011) auxiliou nessa transposição do que eu vivia intuitivamente com meus cadernos para uma vivência consciente e legitimada. Ao ler o trabalho que amplia seus estudos sobre a Crítica Genética², vislumbro a teoria que confirma o que eu sempre desconfiara: o valor artístico dos registros, o valor do trajeto construído pelo artista, por meio de seus gestos de criação nos cadernos, nos diários. O próprio caderno como objeto artístico é alvo de interesse dos estudiosos, de pesquisa e de investigação do público. A autora relata, comprova e exemplifica.

A criação é assim, observada no estado da contínua metamorfose: um percurso feito de formas de caráter precário, porque hipotético. É importante fazer notar que a crítica não muda impunemente seu foco de atenção: de produto para processo. No momento em que se coloca esboços, desenho e anotações em espaços expositivos, como aconteceu na exposição Bastidores da Criação (1994), esquemas perceptivos ligados à recepção da obra em seu estado de perfeição e acabamento são abalados. Assume-se uma nova perspectiva estética (SALLES, 2011, p. 33).

Isso torna minha convicção ainda mais clara, me encoraja e me dá mais possibilidades para olhar devagar meu acervo de cadernos e minhas experiências em sala de aula com os cadernos dos meus alunos. Entendi/o, finalmente, a potência formativa e transformativa do caderno de processos como um estopim para possibilidades artísticas, sendo uma delas, o próprio caderno como objeto artístico.

A suspeita sobre o potencial artístico desses cadernos já me acompanhava em experiências da minha formação artística e profissional. Conhecer museus, ir a exposições, pesquisar sobre artistas, ler suas biografias, autobiografias e diários, uma rotina que sempre me alimentou na minha profissão. Lembro-me da 32ª Bienal de São Paulo, em 2016, quando

2 Campo teórico-metodológico que possui o objetivo de estudar o processo criador das manifestações artísticas. Inicialmente, com estudos sobre manuscritos de obras literárias, mas, mais tarde, se ampliando para outros processos de criação.

na imersão das obras ali expostas, deparo-me com os trabalhos de Lourdes Castro e José Antonio Suárez Londoño³. A primeira, com seus registros do cotidiano e seu livro de artista “Um outro livro vermelho” (2016). O segundo, com cadernos descosturados, rastros, memórias espalhadas nas paredes do espaço reservado à obra “Estudos: de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2005” (2005). Uma visão deslumbrante e um momento marcante foi esse encontro com ambos os trabalhos. Contemplei e percebi que ali havia possíveis destinos para os cadernos dos artistas (inclusive os meus), para além das gavetas.

Ao acompanhar exposições como esta (em locais públicos e ambiente virtual), percebo que os rascunhos/desenhos completam o percurso de trabalho do artista. Penso que os rascunhos, esboços e as inquietações registradas são sinais sobre esse percurso. Daí o desejo de abrir os cadernos de outros artistas, de encontrar para além do que, outrora, era mostrado. Esses rastros aproximam o público do artista, pois indica aspectos, dúvidas, incertezas, falhas, como qualquer pessoa vivencia na vida cotidiana (SALLES, 2011). Na intimidade dessas narrativas dos artistas, surge uma identificação.

Ao ler as cartas de Van Gogh direcionadas a seu irmão, Theo, nessa minha busca por identificação e intimidade com o artista, deparo-me com mais uma descrição do processo de gênese da criação artística que demonstra como o ato de registrar faz parte da rotina artística:

[...] desenhar-se-á lenta e seguramente como o croquis que se torna esboço e o esboço que se torna quadro, a medida que se trabalhe mais seriamente, que se aprofunde mais a idéia, no início vaga, o primeiro pensamento fugidio e passageiro, a menos que o fixemos (VAN GOGH, 2017, p. 43).

Houve outro evento importante em meio a essa caminhada que serviu de referência ao meu encorajamento, me apontando mais indícios de seguir com os cadernos de processos como material de formação. Trata-se do meu encontro com o trabalho de Paul Klee, na exposição “Equilíbrio instável” que se instalou no ano de 2019 no Centro Cultural Banco do Brasil de Belo Horizonte⁴. Meu encantamento se inicia logo nas primeiras obras e nos desenhos do artista enquanto era ainda criança. Tais trabalhos foram, cuidadosamente, guardados por sua avó. Aprecio obras e pistas de como o artista vai trilhando um caminho na abstração. Chego quase ao fim da exposição. Numa das salas, um documentário disponível apresenta informações inéditas para mim: Paul Klee fazia os registros de suas aulas por meio

³ Mais informações: 32ª Bienal de São Paulo; *Incerteza viva*. Disponível em: <<<http://www.32bienal.org.br/>>>. Acesso em 23 de out 2020.

⁴ Mais informações: *Equilíbrio Instável*. Catálogo da exposição realizada no CCBB, Belo Horizonte, de 28 de agosto a 18 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.bb.com.br/docs/porta1/cabb/PaulKlee.pdf?pk_vid=4167bdb3a1bf3af61603553005b1cbf3>>

de um caderno do período que atuou como professor na Escola de Arte Bauhaus⁵. Senti-me tão próxima desse artista! A narração do vídeo afirma que o ensino estimula/va Klee. Surge uma identificação enorme com ele e saltam questões e curiosidades na minha mente: onde estava o artista naqueles documentos? O quanto de sua obra ele construía ao lecionar e elaborar seu material didático? Seriam registros didáticos? Ou artísticos? Poderiam ser os dois? O que se construiu primeiro? O artista ou o professor? Trata-se de um processo contínuo? Onde é o começo dessa experiência: com os registros e com os cadernos, e com a partilha desses saberes e experimentações? O que desses registros chegaram e foram incorporados no trabalho dos seus alunos?

Percebi, então, que estas inquietações e perguntas eram sobre minha própria experiência. Enxerguei a mim mesma e me senti profundamente provocada pela experiência daquele artista/professor, pela sua trajetória de vida. Olhar para obra de Paul Klee foi fundamental para os rumos das quais tomaria esta pesquisa.

Desse modo, sigo para refletir sobre a narrativa autobiográfica contida nos cadernos, experimentações artísticas, registros cotidianos e ações reflexivas. Início a minha investigação abrindo alguns cadernos que venho produzindo ao longo da minha trajetória como professora artista.

MEUS CADERNOS, MINHA OBRA

Motivada pelos ateliês biográficos que vivi intensamente durante o meu curso de mestrado, resolvi abrir os meus cadernos. Tenho um verdadeiro fascínio por eles. Guardo-os como objetos de memórias. É um encantamento que me acompanha desde sempre. Tenho muitos e cada um é de um jeito. Alguns são de capa dura, com desenhos colados, pintados, remendados e costurados. Outros são dobráveis, com papéis diversos, com tecidos e aplicações.

Abro um, folheio outro. Olho, remexo e penso. É neste movimento de rememorar que me encontro e me percebo. Percebo, inclusive, que minha produção artística estava ali diante de mim: minhas histórias, memórias, ideias, encontros, incertezas, dúvidas, meu cotidiano e um olhar para as situações e as vivências pessoais e profissionais. São acontecimentos vividos, imaginados, que geram outras imagens, outras histórias. São talvez, aspectos sensíveis que possuem a tentativa de lapidar minhas emoções. Gotas de luzes? Talvez.

⁹ Fundada pelo arquiteto Walter Gropius, em Weimar, Alemanha, no ano de 1919. A escola foi considerada revolucionária, um verdadeiro laboratório de experimentações, com o objetivo, resumidamente, de unir a pintura, a escultura e a arquitetura, aplicando essa nova estética ao cotidiano.

O caderno de capa rosa – “eu não entendo o tempo das coisas”



Imagem 3 – Caderno de capa rosa [Coleção Desvio diário, Entrelinha papelaria/Ilustração Mila Barone]. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016/2017.

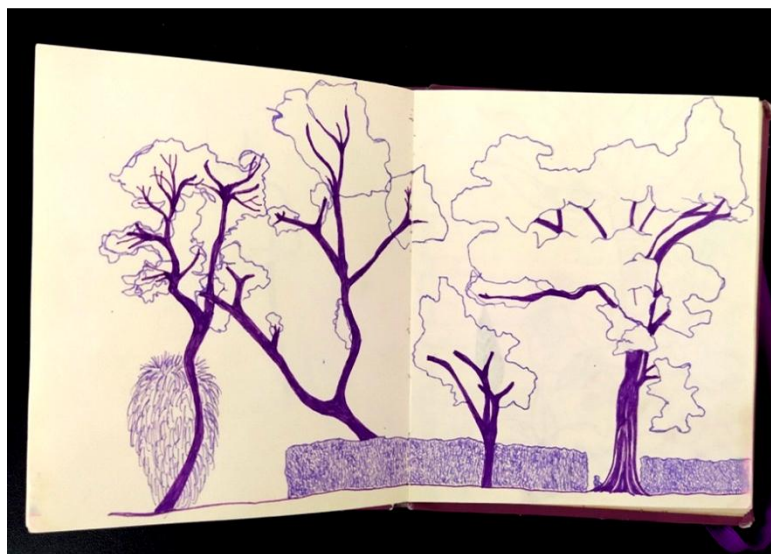


IMAGEM 4 – Desenho das árvores do entorno escolar. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016/2017.

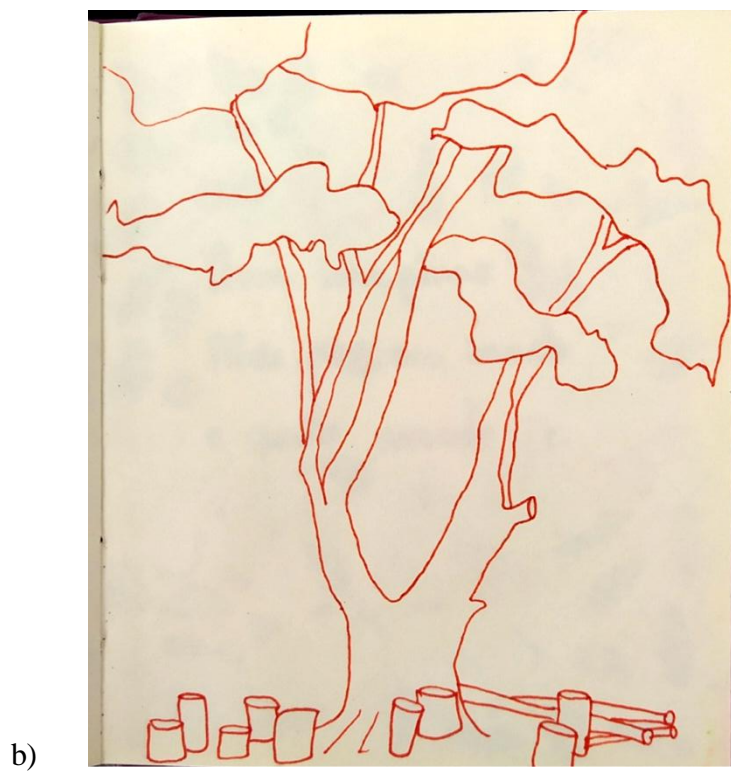


Imagem 5 – Desenhos do caderno de capa rosa:

- a) Retrato de Helena Antipoff;
- b) Pau Brasil.

Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016/2017.

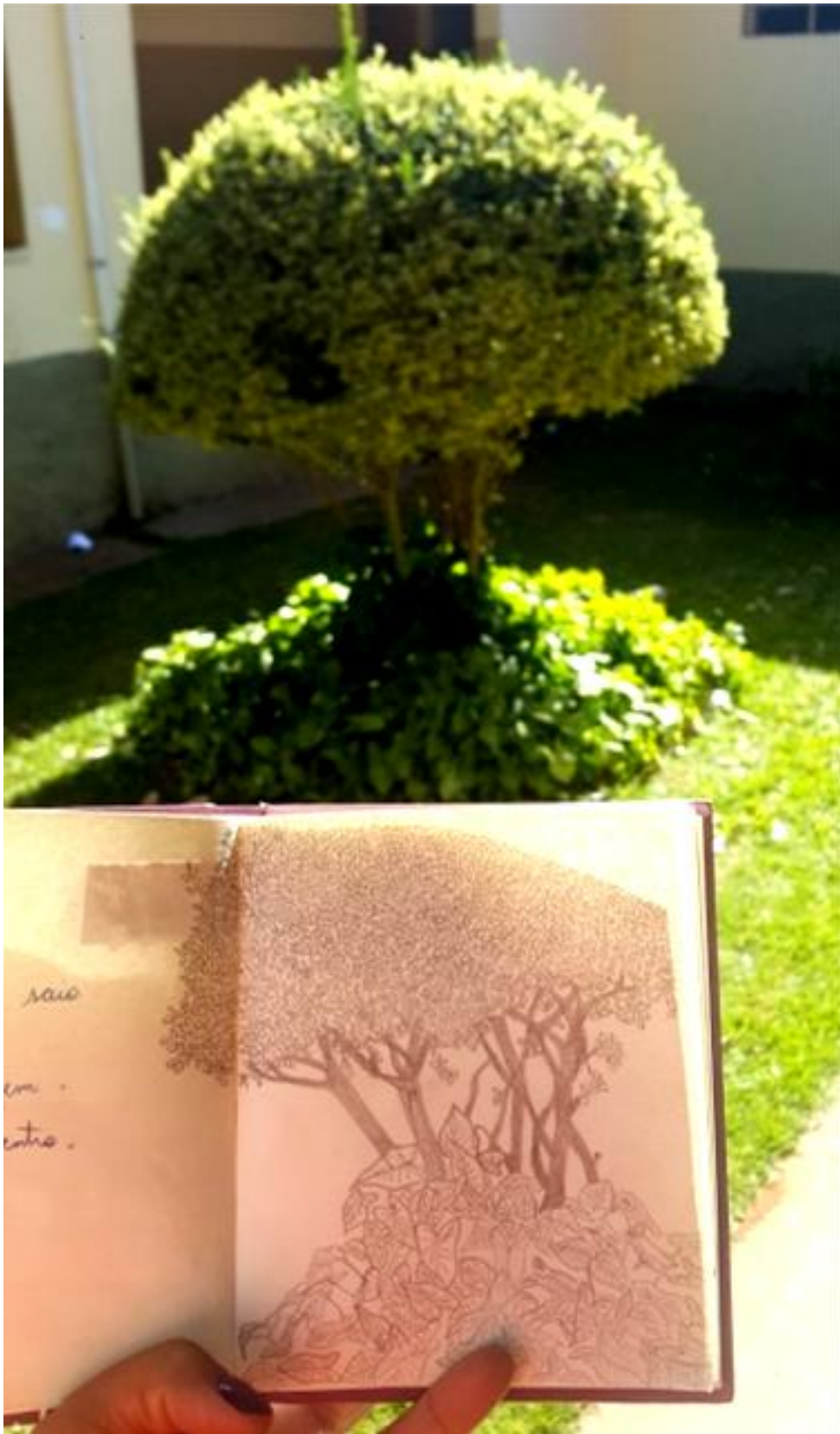


IMAGEM 6 – Desenho de observação – árvore entre os corredores. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2017.



Imagem 7 – Haikai e desenho do caderno de capa rosa. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2016/2017.

Entre desenhos e versos, registros do cotidiano, meus alunos observam o meu interesse intenso com os meus cadernos. Eles ficavam curiosos e me perguntavam o que tanto fazia com eles que não largava nem para dar aula! Queriam saber como eu fazia, de que modo eu ilustrava, como escolhia as propostas que apresentava. Comecei a utilizar os cadernos em sala de aula, para mostrá-los e construir registros juntos. Os registros, que antes eu fazia para mim, passavam a ser direcionados para eles também. Ainda eram meus desenhos, mas com uma intencionalidade que se direcionava para os alunos. Os cadernos que eu carregava comigo ou que ficavam guardados em gavetas e caixas começavam a ganhar um poder de testemunhar e, didaticamente, contribuir com as ações artísticas propostas em sala de aula.

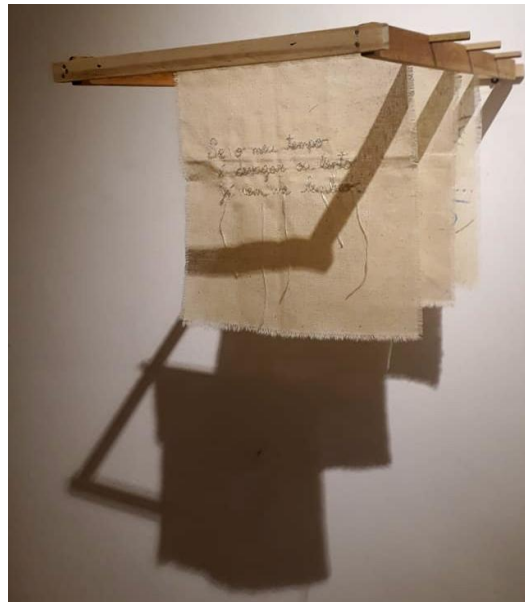
Ao narrar o vivido com os cadernos na sala de aula, atribuo sentidos aos diferentes itinerários percorridos no meu processo de professora artista. Ao ser provocada pelos alunos coloquei-me em uma posição de escuta, fato fundamental para redirecionar o meu caminho pedagógico. Ficou claro para mim que os caminhos pedagógicos/artísticos podem ser anunciados no processo de ensino-aprendizagem.

Dos cadernos saltam ideias: meu corpo, minha obra

Ao reconhecer o potencial criativo contido nos meus cadernos, inicio um processo de desdobramentos do conteúdo deles. Desenvolvo projetos artísticos e os utilizo como conteúdo expositivo das aulas de Arte. Crio propostas que surgem a partir do que está esboçado neles: desenhos, poemas que se transformam em uma série de bordados, talvez até em obras de arte.



a)



b)

IMAGEM 8 – Haicais em duas fases:

- a) Haikai escrito em caderno de capa rosa, 2017;
- b) Tríade I – Tempo (Série Haicais) – Exposição “Oráculos, Meu corpo minha obra”, 2019.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

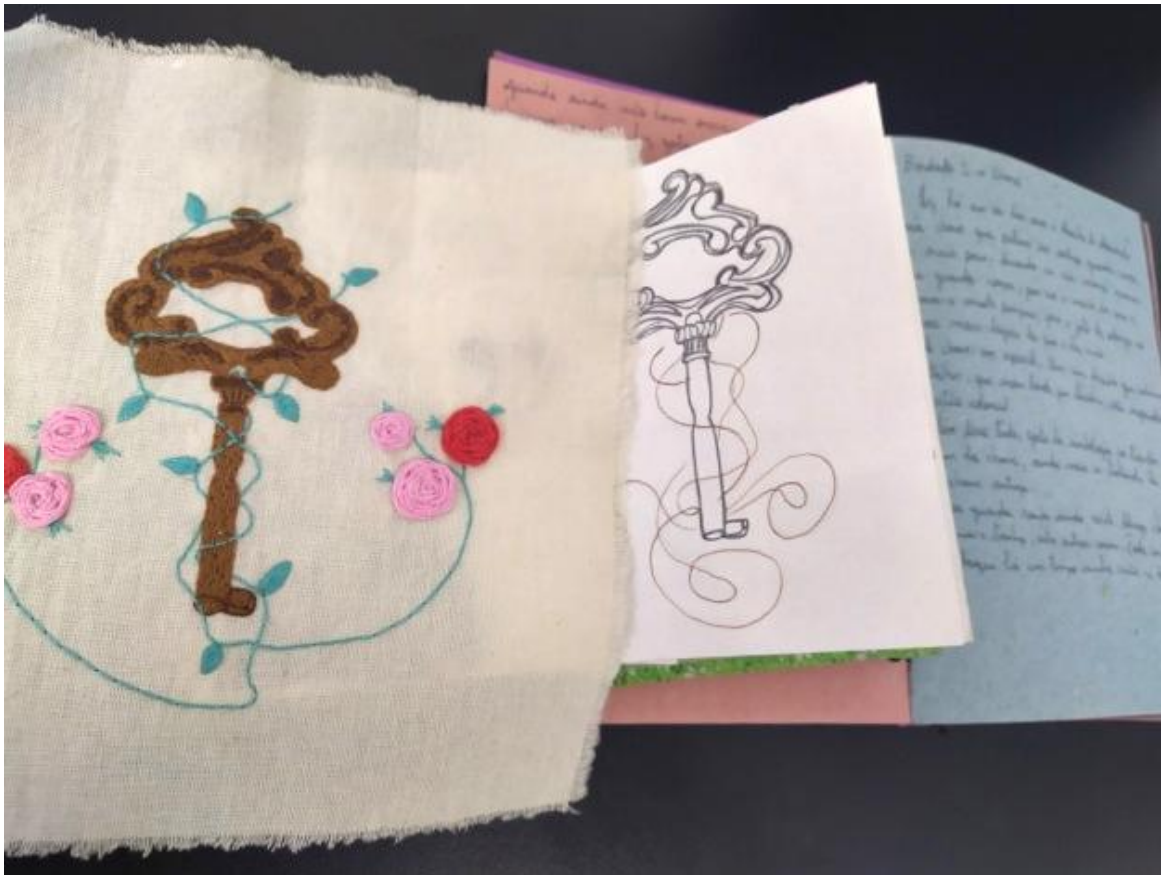


IMAGEM 9 – Bordado, desenho e relato *Chave* [Série *Objetos*]. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.



IMAGEM 10 – Bordado, desenho e relato *Caneca* [Série *Objetos*]. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.

O caderno de chitão azul florido

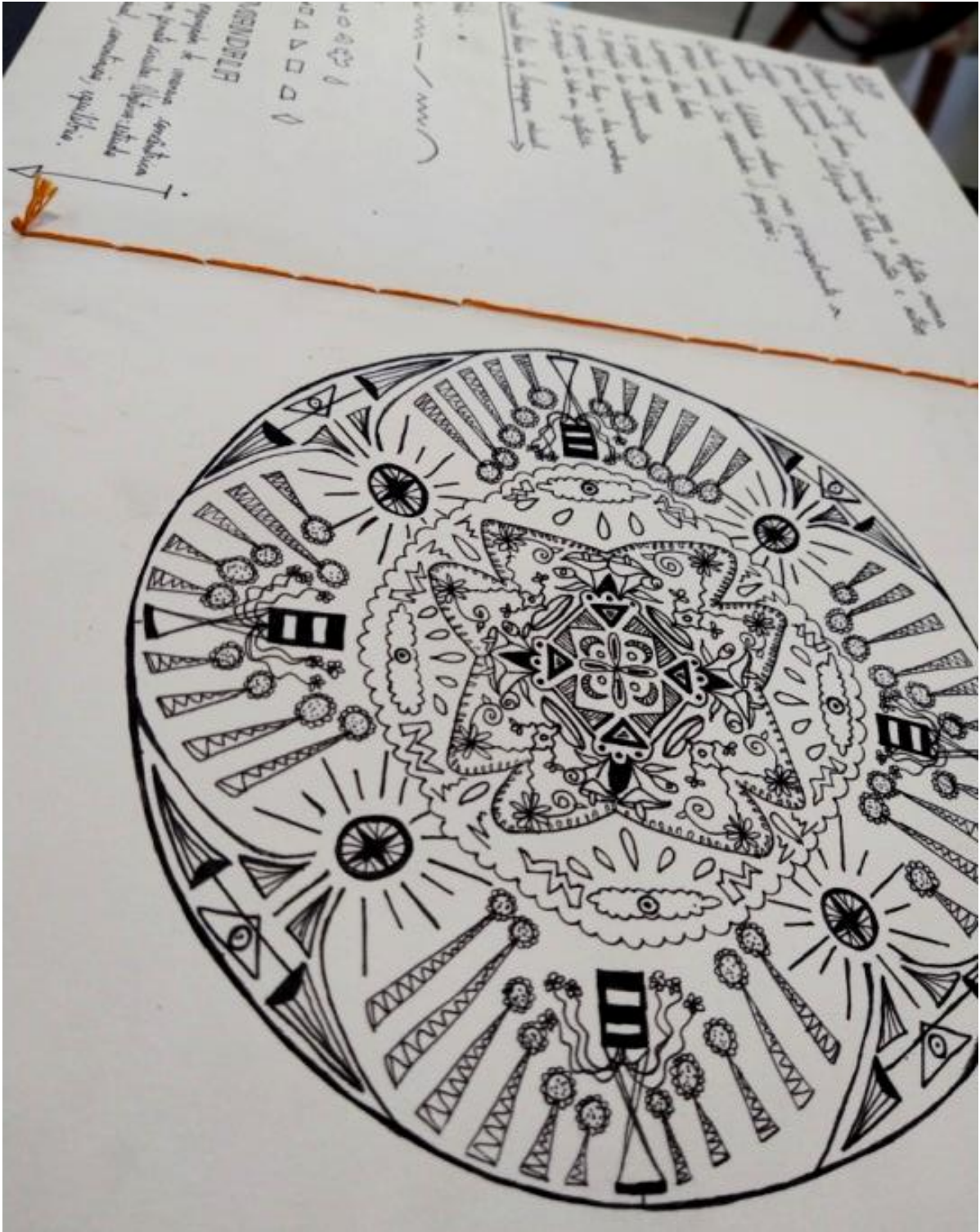


IMAGEM 11 – Anotações e mandala. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.



IMAGEM 12 – Desenhos de observação e anotações. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.

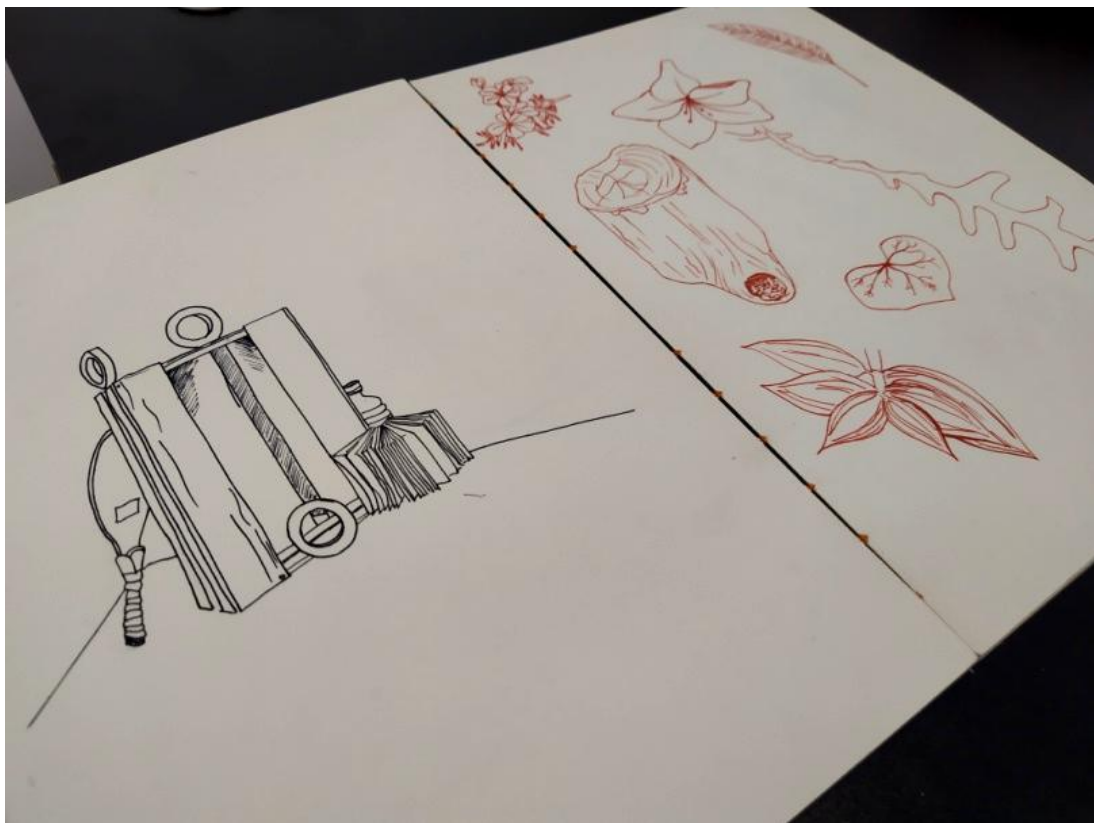


IMAGEM 13 – Desenhos de observação I [natureza morta feita na sala de aula e plantas do entorno escolar. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.



IMAGEM 14 – Desenhos de observação II [lírio vermelho da casa de mãe, flor do chão da escola, vaso/pneu do jardim da escola]. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.

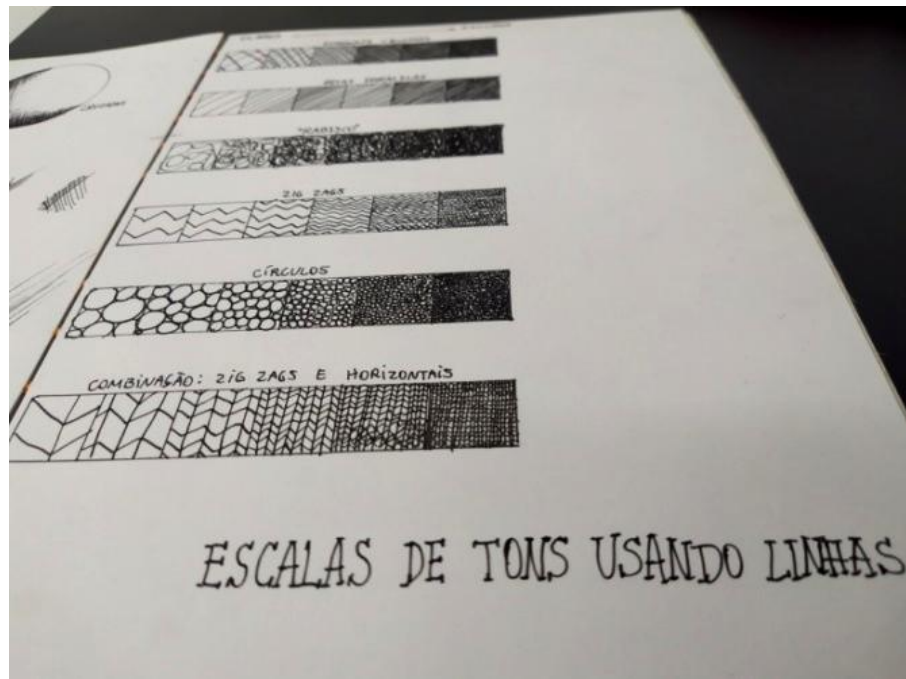


IMAGEM 15 – Escalas de tons usando linhas. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.



IMAGEM 16 – Desenho de observação do pátio/prédio escolar. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.

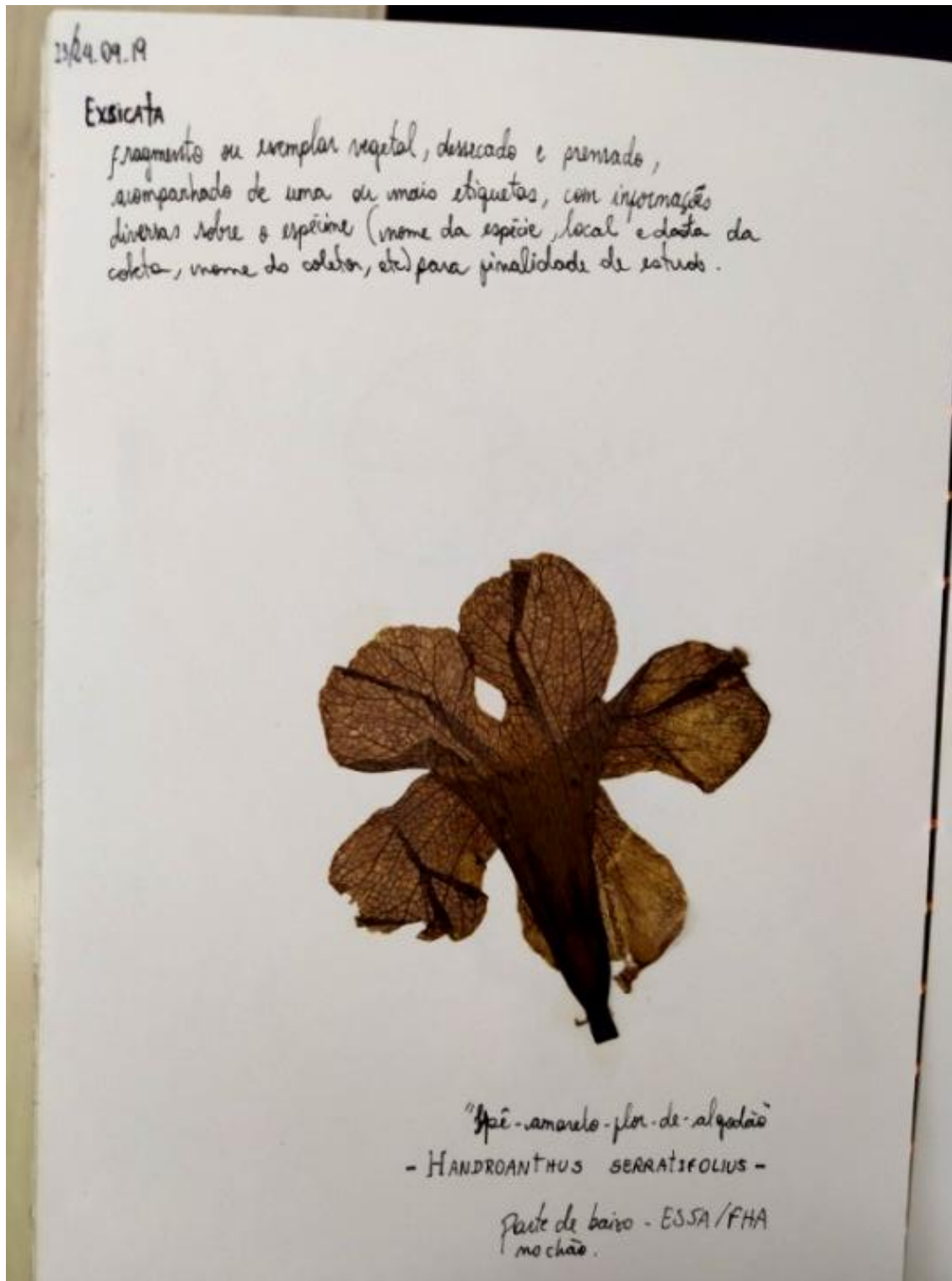


IMAGEM 17 – Exsicata de flor de ipê amarelo e anotações. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.

PÁGINAS EM COMUM

*Vejo-o ali
O outro em mim
Reencontro-me?*⁶

Nos meus movimentos e andanças com os cadernos, os cadernos de meus alunos seguiam também me provocando. Pensava muito a respeito: será que eu via neles o que há em mim? O que eles me apontam na confecção dos seus cadernos? O que eu como professora posso aprender com os estudantes? Salles (2011) aponta que “as pessoas são receptivas a partir de algo que já existe nelas de forma potencial e que encontra nesse fato uma oportunidade concreta de se manifestar” (SALLES, 2011, p. 97). Talvez fosse isso a ocorrer: recebia deles o que havia em mim.

Como me manifesto pelo fazer de meus alunos? Como eles se manifestam a partir do meu processo? Onde nos encontramos? O que é esse encontro? Como o trabalho com os cadernos dos alunos marca a minha prática docente? Olhar para a produção dos cadernos dos estudantes é olhar para minha própria história de vida? O que existe na prática deles que me faz refletir sobre a minha prática como professora artista? Para Josso (2004), “o trabalho biográfico sobre si mesmo dá início à aprendizagem da implicação permanente em jogo, no trabalho individual e no trabalho coletivo” (JOSSO, 2004, p. 219).

À medida que olho para o material dos estudantes vou descobrindo facetas da minha confecção e formação com os cadernos dos quais ainda não havia me dado conta. Neste movimento, volto e revivo os meus cadernos e também cadernos de ex-alunos que guardo em casa. São registros fotográficos, cadernos e portfólios de aulas ministradas no meu percurso como professora artista. A sensação ao abrir os cadernos e re-olhar o material de ex-alunos, é como me ver no espelho. É como rever a minha história. Não sei o que devo pensar sobre isso, mas existe uma semelhança entre a produção dos meus cadernos e a produção desse grupo de alunos com que trabalhei nesse período.

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado. Memória é ação. A imaginação não opera sobre o vazio, mas com a sustentação da memória. Vamos acompanhar essa equação criativa, que envolve memória e imaginação (SALLES, 2011. P. 105).

Já nem sei mais quem começou o movimento de criar, de propor. Talvez os dois fossem simultâneos. Mobilizada por este sentimento, esta sensação, busco por um encontro: o

⁶Haicai autoral escrito em 2017 – Caderno de capa rosa.

que meus ex-alunos têm me contado em meio a seus cadernos? O que seus registros me mostram? O que querem eles mostrar? Será que esses jovens me lançam e reforçam meu caminho como professora, repensando e refazendo minha experiência com meus próprios cadernos? Ouso dizer que olhar para eles e me enxergar na produção deles, foi a principal motivação para grande parte da minha produção, seja quando estou junto a eles, ou isoladamente do contexto escolar. Será que olhar e re-olhar para a produção de ex-alunos pode apontar caminhos sobre como me constituí professora? O que em mim se manifesta reverbera neles? O que faz sentido para eles? O que faz sentido para mim como professora artista?

Ainda na ação de rememorar as aulas, lembro-me claramente de como os chegavam os jovens estudantes às aulas de Arte: munidos de seus cadernos, orgulhosos e ávidos por usá-los. É nesse entusiasmo que nos encontramos. Mas o que é um encontro? Para além da presença física, é ver o que mostram e escutar o que dizem esses alunos. É um encontro quando folheio um caderno que está diante de mim, mas também é um encontro quando, mesmo que não presencialmente, crio uma conexão entre a obra deles e a minha.

Narrar para encontrar-se

*Quantos cadernos eu perdi
Tentando te encontrar?*⁷

Tecendo diálogos subjetivos entre trabalhos, ações e registros de alunos com meu processo de criação, narro a seguir alguns encontros.

⁷ Trecho da canção *Candura* de Layane Soares.

Autorretratos que se encontram



IMAGEM 20 – Estudos para autorretrato explorando a distorção. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018.

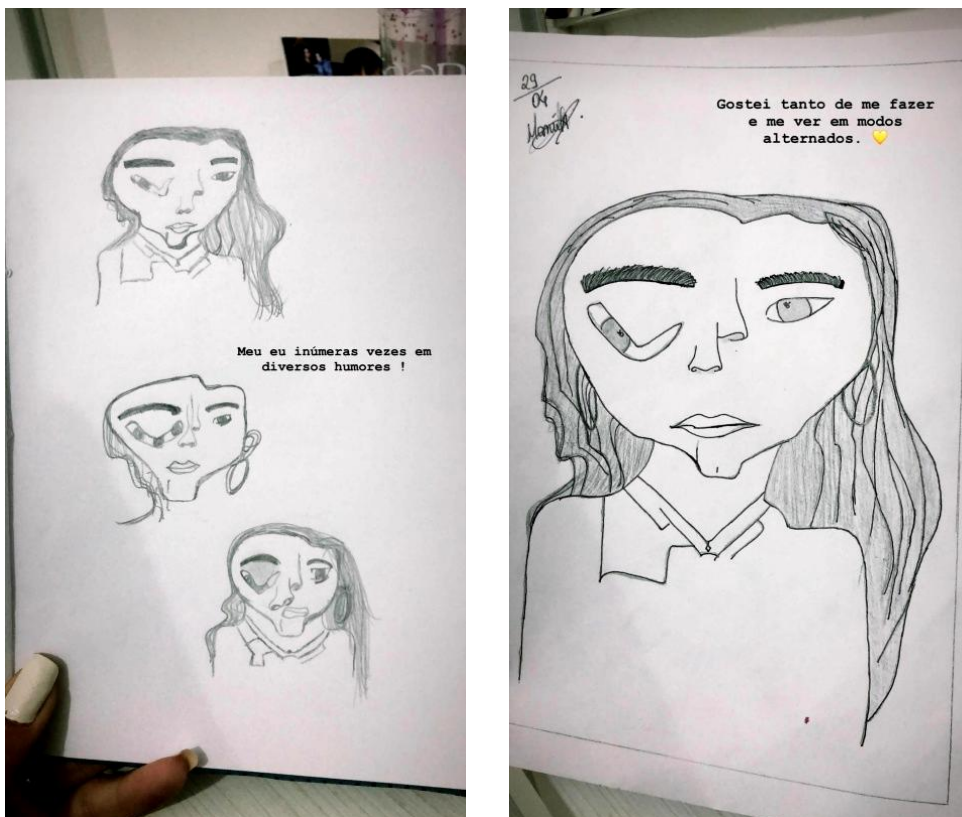


IMAGEM 21 – Capturas de tela de postagem de aluna em rede social.

- a) Estudos para autorretrato “Meu eu inúmeras vezes em diversos humores;
 - b) Estudo para autorretrato “Gostei tanto de me fazer e me ver em modos alternados” .
- Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Encontro entre mídias

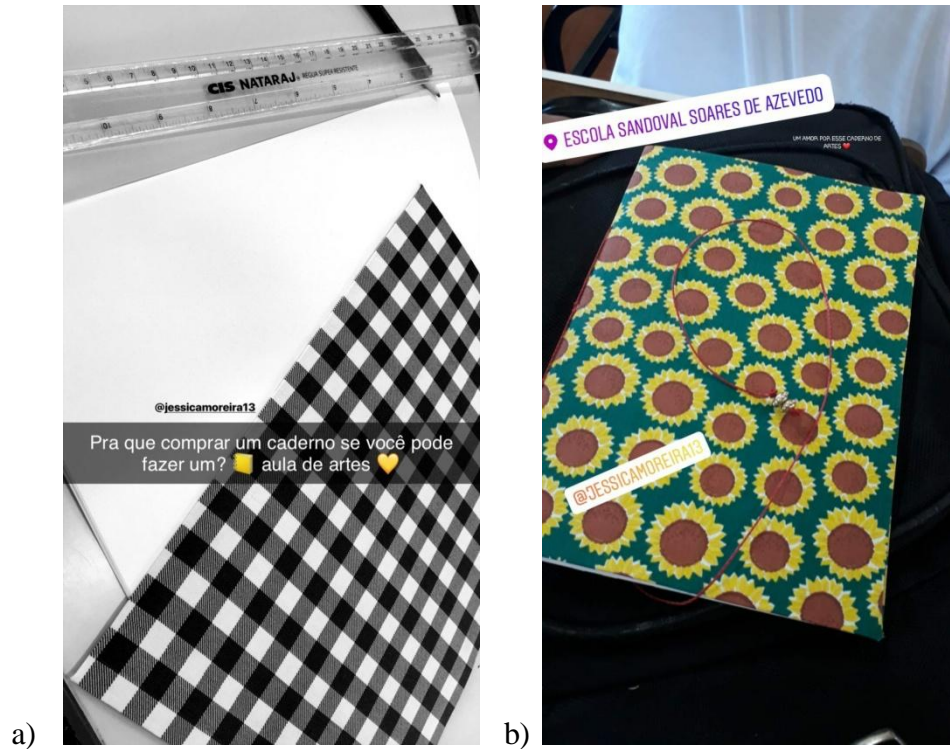


IMAGEM 22 – Capturas de tela de postagem de alunos em rede social:

- Foto de caderno sendo confeccionado em sala de aula com a frase “Pra que comprar um caderno se você pode fazer um? Aula de artes;
- Foto de caderno feito em sala de aula com a frase “Um amor por esse caderno de artes.

Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Pra não dizer que não falei das flores

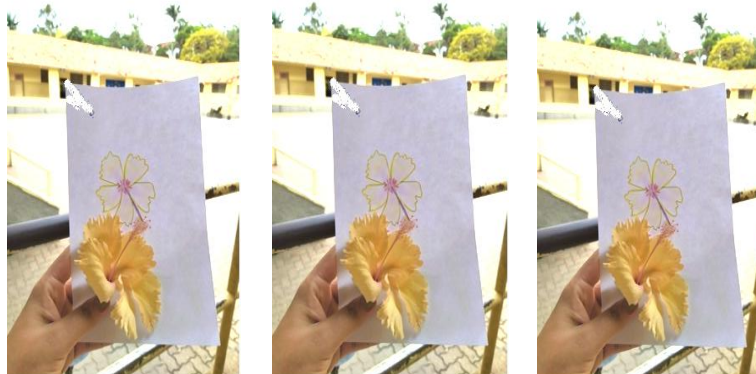
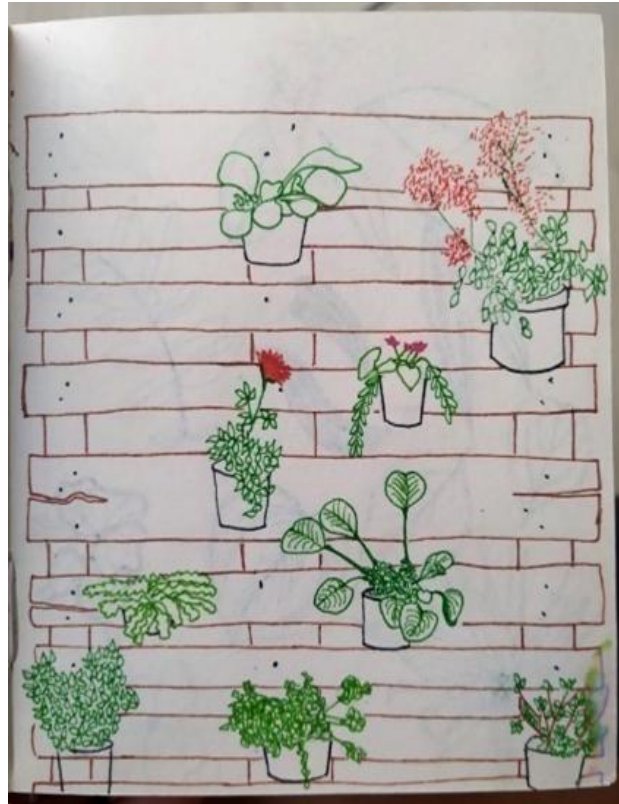
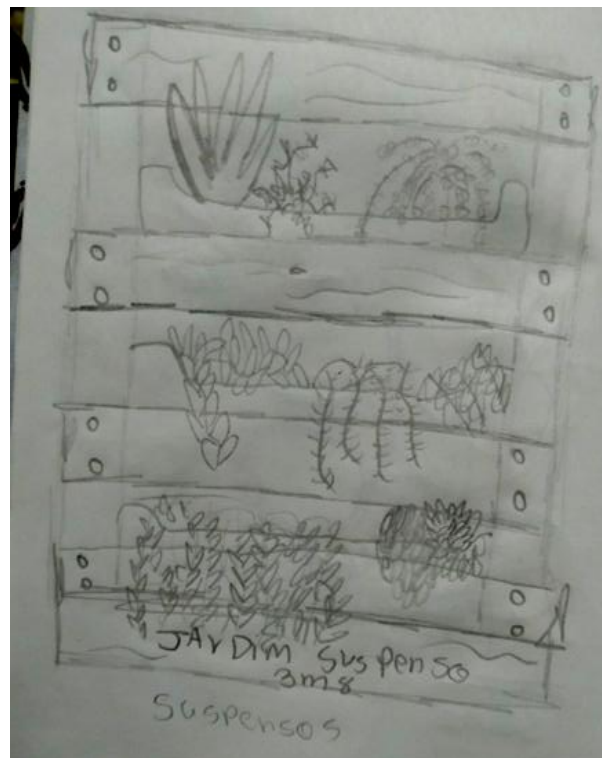


IMAGEM 23 – Desenho de aluna e flor amarela. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.



a)



b)

IMAGEM 24 – Duas ilustrações do jardim suspenso:

- a) Meu desenho do jardim suspenso da parede da escola, 2017;
- b) Desenho do meu aluno do mesmo jardim suspenso, 2019.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

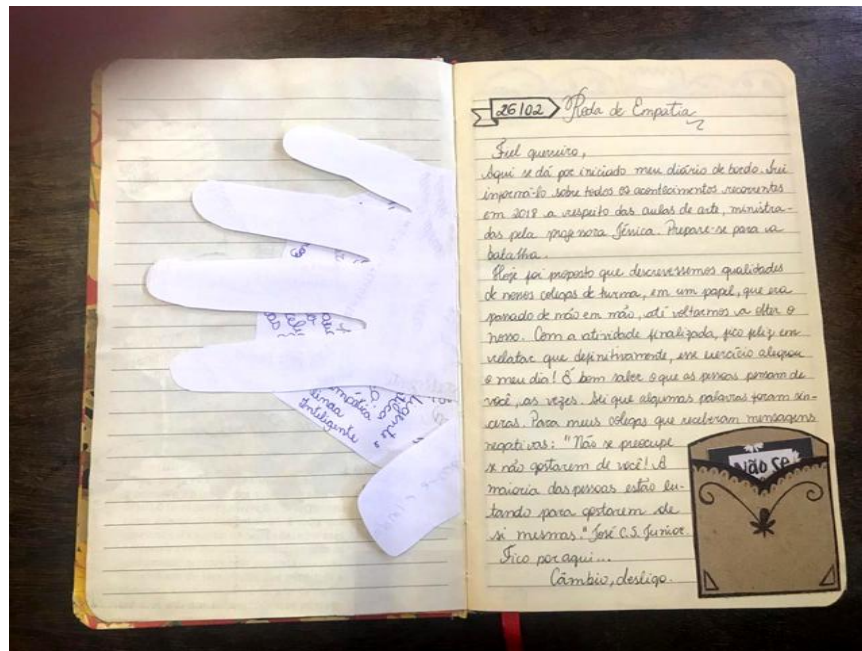
Quando olho, vejo e me re-vejo: três moças e seus diários

Como me vejo nessas meninas/alunas! Cada uma em um contexto diferente me trouxe uma experiência muito potente a partir das propostas de uso do caderno.

Em cada uma delas vejo um pouquinho de mim em momentos diferentes da minha trajetória, com demandas e motivações distintas. Vejo os registros delas e as imagens aparecem em minha mente, como numa viagem no tempo: o caderno que eu preparei cuidadosamente para alguma disciplina, as anotações dos meus conteúdos favoritos, o meu primeiro diário de bordo, a agenda que transformei num livro de artista, ainda na adolescência. Elas possuem, com seus cadernos, a mesma energia e interesse que eu já possuía desde que era uma jovem estudante na fase escolar. De alguma forma, esse diálogo que estabelecemos, a tentativa de motivar, trocar experiências, falar e mostrar nossos cadernos, tudo isso são coisas que eu desejava ter na minha época escolar. Será que elas também valorizam isso e veem assim? Só sei que exemplos como os delas me fortalecem e me encorajam a seguir e ver sentido nessa prática. Seus cadernos me mostram que não estamos sós e que escuta e partilha são fundamentais em um processo de formação docente e na vida.



IMAGEM 25 – Folha de rosto do caderno da aluna A. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018.



a)

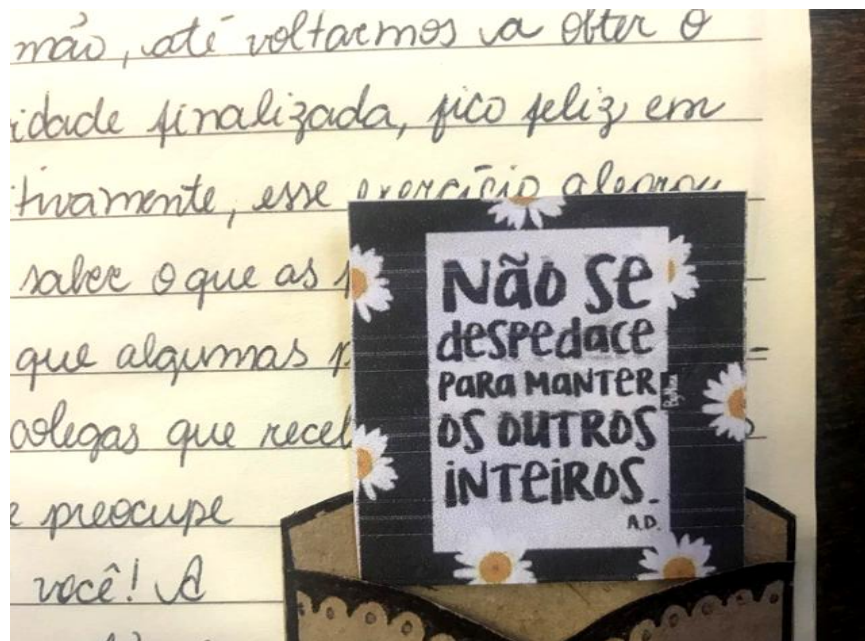


IMAGEM 26 – Diário de bordo da aluna A.

- Página do caderno com registro de dinâmica de grupo Roda da empatia;
- Detalhe do canto inferior direito da página contendo recado guardado em envelope.

Fonte: arquivo pessoal da autora. 2018.

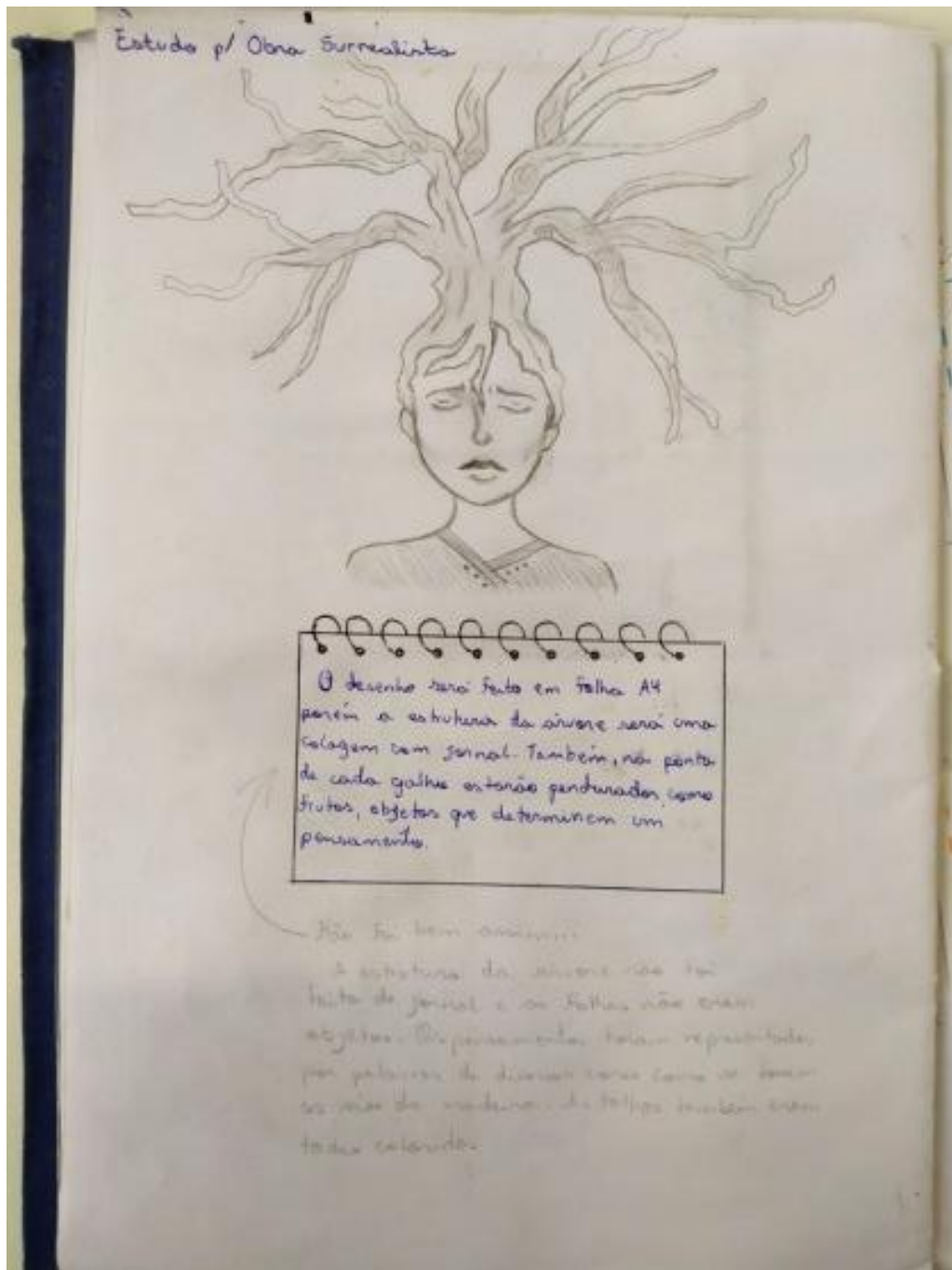
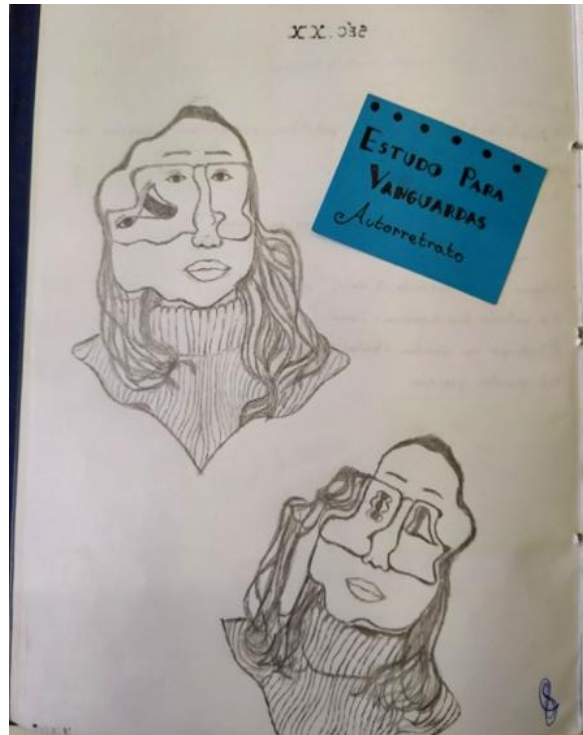


IMAGEM 27 Estudos para autorretrato a partir de escrita automática de aluna B. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018.



a)



b)

IMAGEM 28 – Outras páginas do caderno de processos da aluna II:

- a) Estudos de autorretrato com distorções inspirados no movimento expressionista;
- b) Dinâmica de desenho coletivo e desenho feito a partir da dinâmica.

Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.



IMAGEM 29 – Primeiras páginas do caderno da aluna C. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.



IMAGEM 30 – Páginas do caderno da aluna C. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Quando as linhas tecem desenhos e bordam as nossas ideias

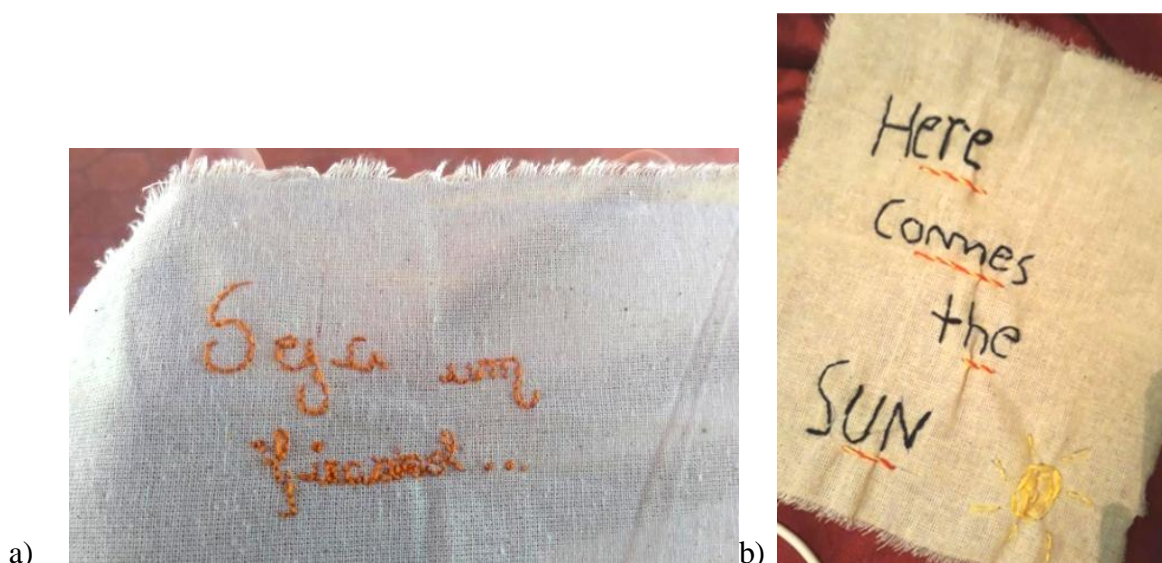


IMAGEM 31 – Frases bordadas por alunas.

- a) Frase “Seja um girassol...” bordada por aluna;
 - b) Frase “Here comes the sun” e desenho bordados por aluna.
- Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.



IMAGEM 32 – Bordado de aluno “somos manchas de tinta em uma tela em branco” . Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019.

Considerações finais – “fazer junto”

Esta pesquisa surgiu com base nos meus estudos sobre arte e educação e a importância do ato de registrar. Na medida em que estas ideias iam crescendo e amadurecendo ao longo do Mestrado Profissional em Artes, foi enveredando pelo caminho autobiográfico e me voltei para meus próprios registros e a minha trajetória como professora artista, em processo de investigação com os cadernos em sala de aula.

Objetivando a formação por meio do olhar, do lembrar e do narrar os processos artísticos com registros nos cadernos de si, o texto fomenta as atribuições do trabalho autobiográfico. Para isso, contei com o aporte teórico, inspirações artísticas, vivências, imersões e com os ateliês biográficos. Tudo isso aprofundando e lapidando minha própria formação, caminhando, construindo, costurando e preenchendo páginas desses cadernos.

Seguir pelo caminho autobiográfico e me tornar objeto da própria pesquisa em diálogo com os meus alunos foi uma escolha. Foi uma escolha consciente, que me permitiu na ação do lembrar abrir os meus cadernos de anotações e perceber que tinha em mãos um potente arsenal para acessar a minha trajetória docente. Encontrar-me com os meus desenhos e dos estudantes, assim como seus cadernos confeccionados, com os bordados-desenhos, as mandalas de vários tamanhos, foi retomar imagens, lembranças que se cruzaram entre a minha história, meu processo de criação, em diálogo com os alunos. Observei em minha trajetória docente que o “fazer junto” com os alunos foi e é um marco para mim.

Não sei exatamente porque, mas a ideia de “fazer junto” me lembra da 27ª Bienal de São Paulo (2006), cujo tema era “Como viver junto” inspirado nas ideias filosóficas de Roland Barthes e Helio Oiticica⁸. Dessa forma, os organizadores dessa bienal propunham reflexões e intercâmbios entre espaços, tempos, pessoas e ideias. Ouso dizer que é em um intercâmbio como este que se dá o meu olhar para o material apresentado nesta pesquisa.

Relembrando o que nos ensina Delory-Momberger (2008), “a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 56). Ao abrir os meus cadernos de anotações e os cadernos de meus alunos e ex-alunos, fui narrando e experimentando minha própria história. Além disso, percebi que “fazer junto” é encontrar-se. É aceitar as diferenças, acolher o jeito de cada aluno na condução da confecção do seu caderno. É ouvir e escutar o outro.

⁸Mais informações: 27ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Como viver junto. Disponível em: <<<http://www.bienal.org.br/exposicoes/27bienal>>>. Acesso em: 24 de out. 2020.

O pedagogo italiano de Loris Malaguzzi (1999), fala em uma pedagogia da escuta. Para ele “a escuta é uma metáfora para a abertura e a sensibilidade de ouvir e ser ouvido-ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os sentidos” (MALAGUZZI, 1999, p. 79).

Observei [e ainda observo] que o “fazer junto” com os alunos em sala de aula passa, às vezes, por uma escuta turbulenta, outras vezes silenciosa, cuidadosa, onde aprendemos juntos a nos ouvir e a nos narrar.

É para o espaço da sala de aula que levo os meus cadernos, dividindo e socializando o meu processo de criação. Não tenho a intenção com esta ação trazer as ideias/desenhos como modelos. Proponho que o processo de criação a qual me submeto seja evidenciado, transpirando do meu trabalho o entorno, despertando para os processos e as ideias em potencial ao redor, pelos corredores das salas, da escola.

É por meio de trocas, informações, perguntas, dúvidas e respostas que seguimos alunos e eu para encontrar na escuta, no “fazer junto” a premissa de uma relação de aprendizagem. De posse dos seus cadernos, os alunos vão compondo dentro do seu tempo e ritmo as páginas com narrativas ora pela imagem, ora pela palavra.

“Fazer junto” coloca-nos no lugar do outro com a intenção de tirar o indivíduo do anonimato, para legitimar sua prática e nos dar visibilidade. É uma construção coletiva, colaborativa. Uma cocriação em constante movimento, reconhecendo que aprendemos o tempo todo e que, mesmo quando estamos sós, carregamos as memórias, as influências, os afetos que nos passaram e que, de alguma forma, estão conosco.

Finalizo a minha escrita com Freire (2002) que dizia que a educação só pode se dar no encontro junto ao outro, encharcado de vida, encarnado. Gostaria de reafirmar a sua preciosa lição no meu trabalho com a Arte, para fazer sentido na educação. Na vida.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. *Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto*. In.: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, M. *Observação, registro, reflexão: Instrumento metodológicos I*. São Paulo: Espaço pedagógico, 1996.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

JOSSO, Marie Christine. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MALAGUZZI, Loris. *História, ideias e filosofia básica*. In. EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Editora Artes Medicas, 1999.

MESTRINER, F. *4 pequenas histórias que juntas mudaram o mundo*. São Paulo: M.Books, 2014.

OSTETTO, L. E. *Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências*. In: __. *Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008. cap.1, p. 13-32.

RIVERS, C. *Como fazer seus próprios livros: novas ideias e técnicas tradicionais para criação artesanal de livros*. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

SALLES, C. A. *O gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Intermeios, 2011.

SILVEIRA, P. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

VAN GOGH, V., 1853-1890. *Cartas a Théo*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2017.

WARSCHAUER, C. *A roda e o registro: uma parceria entre professor-aluno*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes

OS CADERNOS E SUAS POSSIBILIDADES:
Proposta pedagógica

Jéssica de Sousa Moreira
Orientação: Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes

Belo Horizonte
2021

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Instruções passo a passo da costura brochura.....	53
IMAGEM 2 – Cadernos dos alunos.....	55
IMAGEM 3 – Vistas do caderno brochura/indiano.....	59

LISTA DE LINKS QR CODES

QR CODE 1 – Vídeo do <i>YouTube</i> : Abrindo alguns cadernos	56
QR CODE 2 – Vídeo do <i>YouTube</i> : Materiais e instrumentos.....	57
QR CODE 3 – Vídeo do <i>YouTube</i> : Confecção da capa.....	58
QR CODE 4 – Vídeo do <i>YouTube</i> : Costura do caderno	58

OS CADERNOS E SUAS POSSIBILIDADES: Proposta pedagógica

Esta proposta de ensino foi elaborada pensando no Componente Curricular Arte como um processo de criação, enfatizando o protagonismo dos estudantes. Assimilando os saberes e as criações de modo processual, considera-se que o conjunto de aulas é um encadeamento de ações ao longo do período letivo, de modo a consolidar uma experiência. A princípio está direcionada a alunos do Ensino Médio, mas é adaptável para outras séries e/ou níveis de ensino, bem como a projetos educativos em espaços não-formais.

Evidencio, ainda, que estas ações listadas podem ser distribuídas em diversos “modos de fazer”, adaptando-se à carga horária, agenda e faixa etária dos estudantes. Aqui, foi pensado em aulas semanais de 50 minutos, de modo que as aulas durarão aproximadamente o primeiro bimestre letivo. Mas além da confecção do caderno, a utilização dele poderá durar o tempo que for necessário, de acordo com o interesse, a quantidade de propostas e os registros dos alunos, podendo até mesmo ultrapassar o mesmo ano letivo.

Ao longo da proposta serão disponibilizados: o acesso e a descrição do material didático em formato digital. Optou-se por criar vídeos e disponibilizar na plataforma *Youtube*. Essa escolha veio de uma demanda própria, pois os alunos já haviam sugerido nas experiências anteriores que, com as aulas em formato de vídeo, eles poderiam dar sequência ao processo em casa, acelerando a confecção do caderno e não demandando tanto tempo das aulas, que já nos é escasso.

Minha coragem em executar essa ideia surgiu em meio ao contexto de pandemia que estamos vivendo no período da produção final deste trabalho. Em decorrência dessa situação, me vi no desafio de dar as aulas e criar conteúdos para os alunos por meio das plataformas digitais. Desejando manter essa prática com os cadernos, adaptei o conteúdo de modo que pudéssemos desenvolver novas narrativas, mesmo distantes fisicamente. Sistematizo, então, a prática com encadernação e disponibilizo aos meus alunos e ao grande público.

Ou seja, o professor, aluno ou interessado nesta prática, poderá acessar o material e usufruir do método e das informações que compartilho. Os alunos que me acompanham no ano letivo vigente durante a escrita deste trabalho, também recebem esse mesmo material didático para confeccionar o caderno em casa, se assim o desejarem, devido à impossibilidade de encontros físicos para a confecção colaborativa.

Destaco que, apesar de inserir a encadernação manual como proposta didática, a principal reflexão que gostaria de propor com esse material é: como podemos mudar a nossa perspectiva, enquanto educadores, em relação aos registros, aos esboços, às ideias, à

documentação pedagógica nossa e dos alunos? Como podemos dar mais visibilidade àquilo que produzimos em sala de aula? Como enfatizar, provocar e atentar-nos aos traços, caligrafias, observações e dúvidas? Como valorizar os percursos formativos, os processos, a caminhada e contextualizar os resultados apresentados no fim de ciclos ou períodos letivos?

No processo de ensino/aprendizagem em arte, a proposta visa dedicar aos processos criativos e a autoformação. Mais do que confeccionar o caderno, a proposta é ampliar os significados de como criamos e olhamos para nossos registros, desde o momento da simples escolha de um caderno que será dedicado às aulas. Estimular o interesse dos alunos pelas suas produções, seus pensamentos e suas ideias, valorizando suas anotações, seus rascunhos, seus rabiscos e até mesmo suas falhas.

Motivação e inspiração para a proposta

O uso de cadernos e a prática de registro ascenderam em mim o desejo que meus alunos criassem um envolvimento maior e uma vontade de estabelecer um vínculo com os cadernos, para além da sala de aula. Os cadernos que eles carregavam eram, em muitos casos, cadernos advindos da indústria de material escolar, com um *design* aquém da grandiosidade dos registros que podem surgir nas aulas. Outros estudantes nem caderno possuíam, fazendo seus registros em papéis avulsos que por ora perdiam, perdendo também a riqueza de seus registros.

Percebo que ao portar esses cadernos e ao me instrumentalizar a ponto de confeccionar meu próprio caderno, eu me alinhava com meus registros. Minha produção começava a ser mais coerente com meus propósitos, o que me tornava cada vez mais bem resolvida com meus cadernos. Comecei a compreender a finalidade de cada tipo de registro, direcionar cadernos para técnicas diferentes, de modo que eles me geravam portfólios. Hoje, sei o que quero e o que posso encontrar em cada um deles.

Contudo, como uma colecionadora de cadernos (uma feroz consumidora que não resiste ao ver um tipo e formato diferente), sentia falta de definir alguns detalhes, como o tipo de papel ou a espessura, de acordo com o tipo de registro que eu gostaria de fazer. Poder escolher com mais autonomia a cor e estampa da capa. Eu buscava ainda mais autonomia na construção dos cadernos, mais personalidade e originalidade. Queria construir o caderno como uma obra, feita por mim, desde a sua confecção. Como eu poderia avançar nessa demanda que eu mesma criei? De que modo eu poderia ficar ainda mais próxima dos meus cadernos? Qual novo caminho percorrer em busca dessa intimidade com o caderno?

Foi com essas inquietações que levantei as seguintes questões: será que é possível fazer com que os alunos produzam seus próprios cadernos? Será que é possível propor aos alunos outra forma de apropriação de seus registros? Será que é possível que eles possam reconhecer o potencial que estes cadernos e registros podem provocar neles?

Com essas inquietações que me encorajei a ir além com os cadernos, buscando aprender sobre encadernação no Curso Livre de Extensão da Escola Guignard, Encadernação manual, em 2017, ministrado pela professora e encadernadora Laís Freire. Nesse curso, aprendi alguns tipos de encadernação e recebi dicas valiosas sobre instrumentos adequados para encadernar, escolher e tratar papéis e tecidos. Ao confeccionar alguns cadernos ia me identificando com alguns modelos, adaptando eles ao meu gosto e necessidades. Esse curso foi um importante passo para a originalidade que eu buscava para as minhas produções e para a minha autonomia. Eu passava a ter mais liberdade ao definir o formato ideal para o caderno de acordo com o objetivo que ele seria direcionado (carregar na bolsa para pequenos lembretes e notas, desenhar com mais tempo, aquarelar, fazer anotações para pesquisa, etc.).

Quanto às costuras que mais gostei de aprender foram: costuras brochura e copta. A costura brochura (Imagem 6) possui apenas um caderno (uma dobra de papéis) e, também, é conhecida como costura indiana. A capa é maleável, feita com uma folha de papel *color set* envolto de tecido tricoline, podendo variar na sua forma de confecção.

Já a costura copta é conhecida pela sua lombada exposta, sendo que a costura dos cadernos fica parecendo um bordado quando vista pelo lado externo. Essa encadernação, por possuir mais dobras de papel, permite um número maior de páginas. A capa é feita em papelão paraná, também, cuidadosamente em volta do tecido tricoline. Tanto a encadernação brochura como a copta permitem que o caderno seja totalmente aberto, de modo que suas páginas fiquem planas. A flexibilidade da lombada, a possibilidade de uso de diversos papéis, a versatilidade que apresentam e o envolvente processo de encadernação foram fatores que me atraíram para esses dois tipos de caderno, pela característica do meu trabalho de explorar técnicas distintas.

Desse modo, decidi multiplicar um pouco do que eu aprendera no curso livre de encadernação manual. Primeiramente, me perguntei: como um trabalho tão minucioso, cheio de etapas e de materiais específicos, poderia ser feito por um numeroso grupo de alunos? Seria possível fazer com que se interessassem e se dedicassem? Mesmo com essas dúvidas, quis me aventurar. O primeiro passo foi verificar com os próprios estudantes a disponibilidade e interesse deles nessa empreitada. Para justificar a importância de escolher e lidar com o próprio caderno nas aulas de Arte, abri novamente meus cadernos para eles. Falei do que

aprendi sobre encadernação e fiz a sugestão de criarmos juntos, os cadernos a serem usados nas aulas de Arte daquele ano.

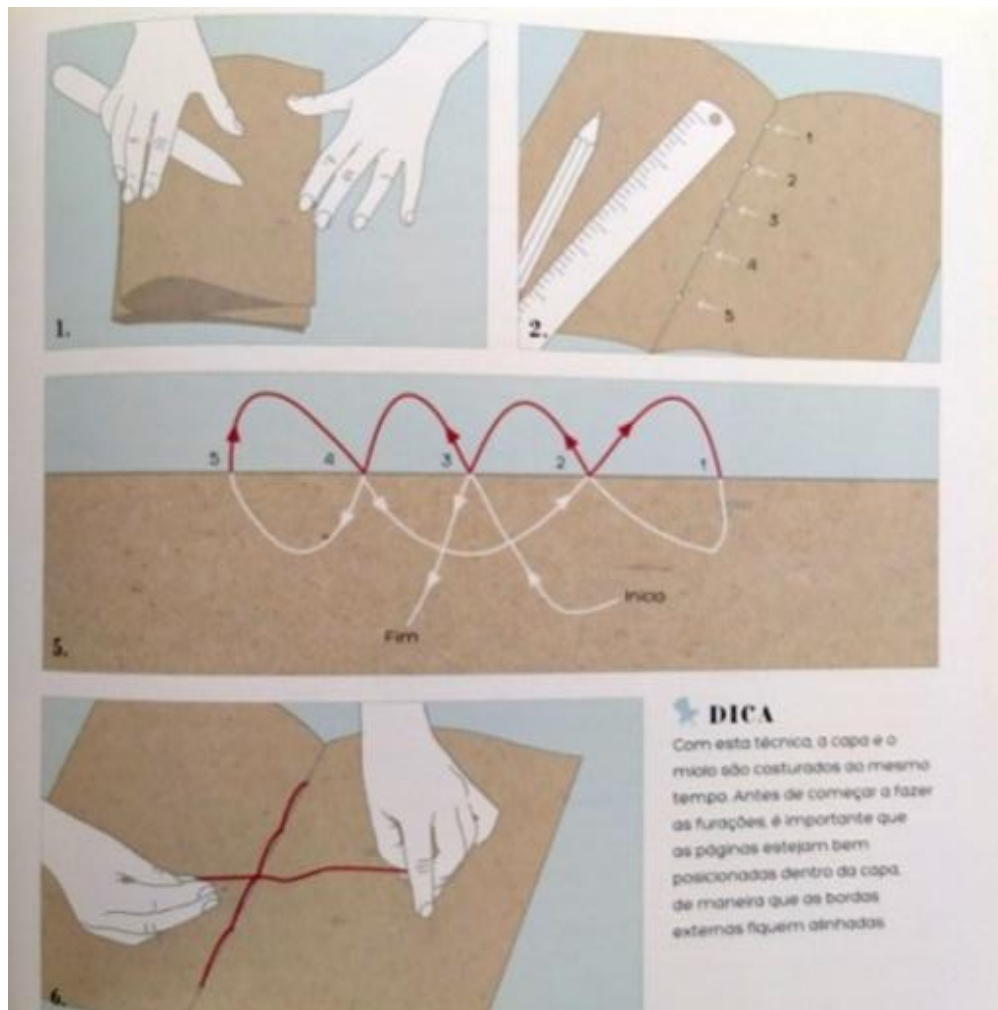


IMAGEM 1 – Instruções passo a passo da costura brochura. Fonte: RIVERS, 2016, p. 147.

Existem diferentes caminhos e muitas possibilidades para o trabalho com a Arte na escola. Foi uma escolha trazer para o contexto da sala de aula o que reverbera no meu processo de formação como professora artista.

Ao retomar a minha própria história de formação e trazer para o contexto escolar a encadernação, tive que fazer uma escolha. É uma escolha que está diretamente relacionada ao trabalho que vivencio como artista, para em seguida ter elementos e indícios que possam contribuir em um processo de ensino aprendizagem em Arte.

A cada sala que eu passava, ia conseguindo a atenção e o interesse dos alunos. Apesar de já ter a intenção de trabalhar com a encadernação brochura/indiana, pela facilidade e versatilidade que o modelo apresenta, deixava para concluir, junto aos alunos, que era o modelo que melhor se adequava para nossa produção coletiva. Pois ela exige uma quantidade de material menor e sua costura simples era mais adequada para uma turma grande de alunos,

sendo eu a única professora em sala de aula.

No meu entendimento, com esses cadernos, os alunos teriam a oportunidade de ter um objeto personalizado, criado por eles, iniciando o processo de registros das aulas com mais apego e envolvimento, além de aprender a técnica da encadernação. Foi deste modo, que começamos a confeccionar os cadernos nas aulas de Arte, utilizando alguns *kits*, como agulhas, réguas, o papel que serviria de miolo, linhas e cola.

A partir de um cálculo e um orçamento preciso, os alunos ratearam o valor, eu fiz a compra de todo o material adquirido e a escola também nos ajudou. Somente os estudantes interessados na proposta participariam, não era obrigatório. Aproximadamente 240 alunos distribuídos em 6 turmas, dentre esses poucos optavam por não fazer, pois já haviam investido em outro caderno ou porque não se identificavam com a prática de encadernação exposta. Uma minoria que tinha dificuldade de chegar até o fim da confecção era auxiliada pelas colegas que possuíam mais facilidade. Enfim, era um trabalho que mesclava a individualidade e o envolvimento em equipe ao mesmo tempo.

Seguimos em um processo de produção intensa. Dias e dias, muitas aulas e horas dedicadas. A encadernação em si, apesar de ter diversos detalhes, é simples. Porém, devido à carga horária de apenas uma aula semanal contendo 50 minutos cada, fazia com que nosso trabalho tivesse de ser interrompido.

Após confeccionar todas as capas em uma organização de subgrupos, fizemos a costura em dois módulos de aulas para cada turma e, por fim, eu mesma finalizei os cadernos, alinhando as páginas um a um, por considerar um procedimento arriscado para os alunos, pois os cortes devem ser precisos e exigem prática, do contrário podem gerar acidentes. Enquanto eu executava esse processo de alinhar/refilar as páginas dos cadernos, os estudantes registravam a experiência com a encadernação em uma autoavaliação. Demoramos cerca de um bimestre para que todos pudessem estar com seus cadernos em mãos, prontos para usá-los. (Imagem 20).



IMAGEM 2 – Cadernos dos alunos, 2018.

- a) Vista frontal de alguns cadernos [variedade de tecidos/estampas];
- b) Vista lateral dos cadernos [lombada e espessura]

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Cada aluno, nesse momento do trajeto das aulas, com uma expectativa, êxito ou frustração gerados desse labor manual. Cada aluno com a oportunidade de experimentar e se aventurar em um processo de criação em potencial e em um percurso de descoberta de seu traço, suas ideias, seus desafios com a área de Artes, através do pequenino caderno.

Foram feitas reflexões e encontros a partir das produções desses cadernos e da observação de cada registro neles contidos. Esse exercício demonstra, para mim, o valor de construir um processo junto aos alunos e evidenciam a necessidade de parar e olhar para o que produzem, desenham, riscam, rabiscam, anotam esses jovens. Mais do que relatar números, quantidades, resultados quantitativos das nossas produções, acredito que o que se insere nessa proposta é a possibilidade de nos reconhecermos no outro e elevar o potencial de nossas ideias rascunhadas num pequeno caderno.

Introdução (1 ou 2 aulas)

Debate acerca de artistas e de processos artísticos. É interessante que sejam obras ou documentos de cadernos de anotações, rascunhos, livros de artista, etc.

Exemplo: Diários de Frida Kahlo, Anita Malfati e Carla Caffé. Trabalhos/processos de Leonilson, Frédéric Bruly-Bouabré, Lourdes Castro, José Antonio Suárez Londoño e Isabel de Sá. Manuscritos de Clarice Lispector, Manoel de Barros ou Fernando Pessoa. Anotações e rascunhos de Leonardo Da Vinci.

É importante conhecer trabalhos e poder contextualizar aos alunos a respeito da relevância dos registros de cada um. Esses artistas, por meio de suas obras, seus diários e cadernos, demonstram que a obra é um processo em construção, com tantos pormenores advindos do que se vê e se lê no mundo, recriando a própria realidade que nos cerca.

O objetivo é demonstrar que o produto final, o trabalho artístico que vai para exposição ou que é reconhecido, não ocorre ao acaso, mas faz parte de um processo, um desencadeamento de ações e reflexões.

Etapa I (1 ou 2 aulas)

Apresentação dos cadernos, processos artísticos e/ou portfólio do(a) professor(a). Abrir cadernos e compartilhar anotações, ideias, registros, modos de criar. Demonstrar como produtos artísticos são provenientes desse material e evidenciar o próprio caráter expressivo e estético desse material. Colocar-se como artista-pesquisador diante dos(as) estudantes.

Caso o(a) professor(a) não possua essa prática com os cadernos, disponibilizo parte do meu material para exposição aos alunos (QR Code 1), mas sugiro que construa seu próprio caderno também para que possa estimular seus alunos com o exercício de “fazer junto”.

Se houver possibilidades, refletir sobre tipos de encadernação, tamanhos, formatos e tipos de papel, analisando como esses fatores influenciam no tipo de registro a qual os direcionamos os cadernos. Por exemplo: um caderno que se carrega na bolsa para registros cotidianos, caderno para aquarela, para colagens, para desenho, técnica mista, etc.



QR Code 1 – Vídeo do *YouTube*:
Abrindo alguns cadernos. Autoria
própria, 2020.

Etapa 2 (1 a 2 aulas)

Apresentação de todo o material e instrumentos a serem utilizados no processo de encadernação manual – encadernação brochura/índiana (caderno costurado diretamente na lombada) (QR Code 2). Nessa etapa, todos os instrumentos e materiais devem ser descritos, para evitar dúvidas e confusão, principalmente com os que são desconhecidos pelos alunos. É importante respeitar esse momento de apreciação, pois ele auxilia a fixar e assimilar o que deverá ser feito.



QR Code 2 –Vídeo do *YouTube*:
Materiais e instrumentos. Autoria
própria, 2020.

Etapa 3 (2 a 3 aulas)

Organização dos alunos que vão confeccionar seus próprios cadernos. Levantamento de material, escolha de estampas para tecidos. Para essas aulas, utilizar uma tabela constando os nomes dos alunos e todas as informações sobre seu procedimento. Dedicar tempo nessa organização vale a pena, para que as demais aulas possam fluir melhor.

Durante essa etapa, um ou dois alunos podem ser designados para preparar os tecidos em casa, de modo que facilite o andamento da encadernação nas aulas posteriormente.

Etapa 4 (4 a 5 aulas)

Confecção das capas dos cadernos dividindo a turmas em equipes (QR Code 3). Nessa etapa, o rodízio possibilita uma interação, dedicação e esclarecimentos com grupos menores. É uma maneira de garantir a segurança e o acompanhamento do passo a passo, já que são utilizados materiais cortantes, além de possibilitar o empréstimo e compartilhamento de instrumentos específicos.



QR Code 3 – Vídeo do *YouTube*:
Confeccionando a capa. Autoria
própria, 2020.

Etapa 5 (2 a 3 aulas)

Aulas dedicadas à costura dos cadernos (QR Code 4) – unir o miolo (as folhas) à capa confeccionada anteriormente, já seca e pronta para uso. Após a costura cada caderno deverá ser refilado (processo de corte que alinha as folhas dobradas, deixando as páginas melhor acomodadas dentro do caderno), um a um, pela própria professora ou equipe de alunos com maior domínio do uso de materiais.



QR Code 4– Vídeo do *YouTube*:
Costurando a capa. Autoria própria,
2020.

Etapa 6 (1 a 2 aulas)

Nesta etapa de trabalho, espera-se que os alunos já estejam com seus cadernos prontos (Imagem 36). Pode-se customizar a folha de rosto ou fazer aplicações na linha ou capa do caderno, de acordo com o desejo de cada um.

Também espera-se fazer um reflexão sobre as etapas de trabalho, por meio de uma autoavaliação – essa aula é importante para fechar o ciclo de encadernação, levantando as

dificuldades e a sensação de produzir o próprio caderno.

Também pode-se fazer uma explanação aos alunos de como se dará o uso desse material nas aulas seguintes.



IMAGEM 3 – Vistas do caderno brochura/indiano:

- a) Caderno em vista lateral com linha;
- b) Caderno aberto;
- c) Vista frontal do caderno;
- d) Vista diagonal do caderno.

Fonte: arquivo pessoal da autora, 2020.

Sugestões de uso do caderno:

I - Exercícios para desenvolver o olhar, a sensibilidade e as experimentações de técnicas nas artes visuais. Exemplo: desenhos de observação (paisagem, natureza morta, elementos da natureza), exercícios de perspectiva, colagens, frotagens, poesia visual, etc.

II – Diário de bordo com exercícios e impressões de aulas e temas de qualquer modalidade artística. Sugere-se que os alunos a fazer anotações, observações, registrar dúvidas, inquietações provenientes das ações e discussões das aulas e seus desdobramentos. Além disso, é um espaço para informações técnicas, registros de avaliações e lembretes.